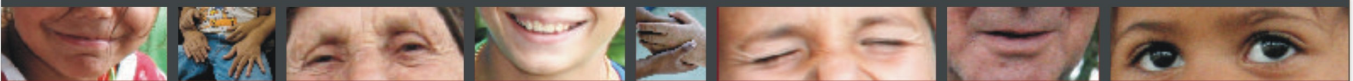




# **CADASTRO DA POPULAÇÃO ADULTA EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE PORTO ALEGRE**





**PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE  
FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E CIDADANIA**

**Relatório Final**

**CADASTRO DA POPULAÇÃO ADULTA EM SITUAÇÃO DE RUA  
NA CIDADE DE PORTO ALEGRE - 2011**

**Porto Alegre, março de 2012**

**Prefeito Municipal***José Fortunati***Presidente da FASC***Kevin Krieger***Equipe Executora / Técnica - FASC***Marta Borba- Assistente Social ASSEPLA**Julia Obst -Assistente Social PSMC**Sandra Mara Nunes -Assistente Social PSAC**Aline Dornelles -Assistente Social CRH**Patricia Kanan -Apoio Administrativo ASSEPLA***Consultores UFRGS***Ivaldo Gehlen – Sociólogo UFRGS**Patrice Schuch – Antropóloga UFRGS**Elsa Cristina de Mundstock – Estatística UFRGS***Apoio técnico equipe UFRGS***Iara Kunde Dickel-Bacharel em C. Sociais**Ana Paula Arosi-Mestranda em Antropologia**Flávio Saidelles Ferreira – Bacharel em C. Sociais**Graziela Castro Pandolfo-Mestre em Sociologia***Supervisores de Campo***Vitor Hugo Martins dos Santos**Cristiano Kolinski da Silva**Gabriela Garcia Sevilha**Marcelo Pizarro Noronha**Roberta Reis Grudzinski***Entrevistadores***Alessandra Matzenauer**Ana Cristina G. Alexandre**Ana Cristina G. Alexandre**Arlete Tofel**Biana Vasconcellos Lauda**Bruna Dupont**Caio Fernando Flores Coelho**Camila Leite Escosteguy**Cristiane Vitória Figueroa**Daiane**Daisy Lima Gonzaga**Dario Alberto Alves Bezerra**Eleonora Bachi Coelho**Fabiane Siqueira**Fernanda Silveira da Costa**Francyele Melgarejo**Gabriel Rodrigues Poncio**Janaína Ferraz dos Santos Fraga**José Vicente Mertz**Keila Sant'Anna da Silva**Lizavete Goes**Luis Alberto de Lima**Luciano Von Der Goltz*

*Martha Stone Jacondino*  
*Maurício Pereira*  
*Natália Benvegnú*  
*Natália Merino Neff*  
*Paloma Nery Coronel*  
*Patrícia Kunrath Silva*  
*Vanessa Fontana da Silva*

## SUMÁRIO

1	Apresentação.....	05
2	Processo do Estudo.....	09
2.1	Categorias e Modos de Construção da População em Situação de Rua.....	11
2.2	Metodologia .....	13
2.2.1	Instrumentos de Pesquisa.....	13
2.2.2	Equipes de pesquisa.....	14
2.2.3	Procedimentos de Campo.....	16
3	Trabalho de Campo .....	18
3.1	Coleta de Dados: o informante.....	18
3.2	Contexto Social e Territorial dos Entrevistados .....	21
3.3	Itinerários, dias e turnos da pesquisa.....	22
4	Caracterizações da população pesquisada .....	26
4.1	Dados de Identificação.....	26
4.2	Cotidiano e Trabalho.....	30
4.3	Documentos e Relações com Instituições.....	35
4.4	Saúde.....	36
4.4.1	Doenças e/ou Problemas que os Entrevistados Possuem .....	37
4.4.2	Produtos que os Entrevistados Consomem .....	38
5	Considerações Finais .....	40
6	Referências Bibliográficas .....	44
7	Apêndices.....	45
7.1	Instrumento de Pesquisa .....	45
7.2	Manual do Entrevistador .....	50
7.3	Itinerários de Campo .....	55

## 1 APRESENTAÇÃO

A existência histórica dos moradores de rua não pode ser ignorada ou deslocada da construção e das discussões acerca da nossa sociedade, especificamente falando, da construção de uma sociedade justa e de direitos. Esta parcela da população vem crescendo e sofrendo diretamente as consequências de um modelo econômico neoliberal globalizado, produtor de exclusão em todas as esferas, tanto econômica, como política, cultura e social.

Para o enfrentamento da situação da população adulta em situação de rua em Porto Alegre, a Prefeitura Municipal através da Fundação de Assistência Social e Cidadania - FASC, executa, desde 1994, serviços voltados ao atendimento de moradores em situação de rua adultos desta cidade. A construção dessa rede de atendimento teve como referência a I Conferência Municipal de Assistência Social e a pesquisa realizada, em 1995, entre a FASC e PUCRS cujo foco, centrou-se no conhecimento do modo de vida desta população e apontou, naquele momento a existência de 222 pessoas nessa situação.

A demanda atendida na rede de serviços para essa população adulta apresenta-se em um contexto complexo e com características diversificadas. A população é composta por jovens adultos, homens, mulheres com crianças, idosos, desempregados, pessoas com sofrimento psíquico, migrante, dependentes químicos, famílias sem residência fixa, pessoas sem convivência familiar permanente ou com vínculos familiares fragilizados, pessoas com deficiência, entre outros envolvidos com o tráfico, muitas vezes expulsos de suas comunidades.

Para um melhor conhecimento científico acerca da população em situação de rua, no ano de 2007/2008, Porto Alegre realizou um Estudo sobre a realidade daquelas pessoas. Foi contratada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a realização do mesmo o qual foi intitulado “Cadastro e Estudo do Mundo da População Adulta em Situação de Rua de Porto Alegre/RS”. Ao todo, foram pesquisadas 1.203 pessoas adultas em situação de rua. Do total, 356 pessoas foram entrevistadas dentro da rede de serviços e 847 nas ruas e logradouros da cidade.

O referido Estudo proporciona subsídios importantes para o trabalho desenvolvido na cidade. Em Porto Alegre, os serviços da Política de Assistência Social têm se constituído para a população como espaço de acolhimento e, para as demais políticas, como retaguarda de lacunas existentes. No entanto, há a necessidade de se aprofundar, qualificar e consolidar a integração com as demais políticas públicas (saúde, educação, geração de trabalho e renda, cultura, habitação, esportes), pois a pessoa em situação de rua é um cidadão que deve ser pensado e assumido na sua integralidade por todas as áreas do poder público.

A cidade de Porto Alegre aderiu ao Sistema Único da Assistência Social desde o início de sua pactuação, no ano de 2005, e vem unindo esforços junto ao Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome para implementá-lo da melhor forma. Desde o ano de 2009, a Fundação de Assistência Social e Cidadania, órgão gestor da política de assistência social do município, vem trabalhando na implantação do SUAS e no reordenamento institucional da sua rede de serviços conforme previsto na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, aprovada no final desse mesmo ano.

A proteção social básica tem como atribuição desenvolver atividades de cunho preventivo frente às vulnerabilidades e riscos sociais, sendo operacionalizada através dos Centros de Referência de Assistência Social, de forma descentralizada nos territórios da cidade. Os CRAS destinam-se ao atendimento da população que vive em situação de vulnerabilidade social, tais como pobreza, fragilização de vínculos e de pertencimento. Tem como principais objetivos oferecer serviços que visem o desenvolvimento de potencialidades e aquisições das famílias, bem como ampliar o acesso aos direitos de cidadania.

Porto Alegre hoje conta com 22 Centros de Referência de Assistência Social – CRAS. O principal serviço ofertado no CRAS consiste no Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias (PAIF) o qual desenvolve ações de acompanhamento grupal e familiar, bem como atividades comunitárias e preventivas no território. Além do PAIF, está a oferta do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para diferentes faixas etárias. Também faz parte das ações dos CRAS o atendimento aos povos tradicionais, distribuídos em 09 comunidades indígenas e 04 comunidades quilombolas, assim como as ações de CAD Único.

A Proteção Social Especial é a modalidade de atendimento assistencial destinada a famílias e indivíduos que se encontram em situação de risco pessoal e social, por ocorrência de abandono, maus tratos físicos e, ou, psíquicos, abuso sexual, uso de substâncias psicoativas, cumprimento de medidas socioeducativas, situação de rua e de trabalho infantil, entre outras.

Na Proteção especial de Média Complexidade, Porto Alegre conta com 9 Centros de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS, que executam, atualmente, os seguintes serviços: Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos – PAEFI; Serviço Especializado em Abordagem Social; Serviço de Proteção Social a Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida – LA e de Prestação de Serviço à Comunidade – PSC.

Fazem parte, também, dos serviços dessa Proteção, serviços de atendimento diurno à população em situação de rua e idosos - 1 Casa de Convivência, 1 CentroPOP e 1 Centro do Idoso, além, dos Serviços de Atendimento para Pessoas com Deficiência e Serviço de Abordagem Social

para crianças e adolescentes, executados pela rede conveniada.

A Proteção Social Especial de Alta Complexidade coordena o conjunto de serviços que garantem o atendimento integral a indivíduos ou famílias, situação de risco pessoal e social no que tange abandono, ameaça ou violação de direitos, com vínculos familiares rompido ou extremamente fragilizados e situação de rua. Esta população necessita de acolhimento institucional provisório ou de longa permanência fora do seu núcleo familiar e, ou, comunitário.

O Serviço de Acolhimento Institucional para crianças e adolescentes executados nessa Proteção se encontram reordenados em espaços de pequeno e médio porte totalizando 63 serviços, em diferentes modalidades.

Além do reordenamento das coordenações das Proteções e suas respectivas redes de serviços, a FASC vem reestruturando sua estrutura de gestão. Para tanto criou a Coordenação de Monitoramento e Avaliação, a qual iniciou suas atividades em novembro de 2010. Essa tem por objetivo monitorar e avaliar a implementação e a execução dos serviços, projetos, programas e benefícios na perspectiva de sua operacionalização tendo como parâmetros as diretrizes da Política Nacional de Assistência Social.

A rede de atendimento a população adulta em situação de rua está em processo de reordenamento dos seus serviços. Desde abril de 2011 se constituíram Grupos de Trabalhos, coordenado pela FASC, os quais elaboraram o Plano Municipal de Enfrentamento à Situação de Rua. Esse se constitui em uma Rede Integrada de Atenção à população adulta em situação de rua que pressupõe a intersectorialidade com ações interdisciplinares, integrais e transversais. Os atendimentos devem buscar assegurar os direitos humanos fundamentais da população, propondo neste processo a construção do vínculo, do acesso e do acolhimento na rede de serviços. A estratégia de intervenção também prevê o envolvimento das equipes bem como capacitação permanente das mesmas e, o monitoramento e avaliação das ações e serviços executados.

Portanto, o presente estudo se constitui em uma ação do referido Plano Municipal de Enfrentamento à Situação de Rua e proporcionará por meio do próprio material empírico coletado em campo reconhecer a diversidade de situações consolidadas sobre uma noção que já se tornou de uso corrente pela sociedade, pela imprensa, pelos organismos estatais, com implicações decisivas sobre a identidade do indivíduo assim designado, podendo, com isso, atualizar e desmistificar na cidade o número existente de pessoas adultas em situação de rua atualmente.

Para tanto, a FASC coordenou a realização do Cadastro Censitário por meio de sua equipe técnica e contou, também, com a contratação de profissionais consultores qualificados para o processo de análise e interpretação dos dados.

Fez parte da construção do mapeamento para o cadastro, a participação das equipes técnicas



do Serviço de Abordagem Social da FASC por meio do fornecimento dos dados de seu trabalho cotidiano que se traduz, desde o primeiro trimestre do ano de 2011, em abordagens realizadas diariamente à população em estudo. A Abordagem Social é um dos serviços executados pelos CREAS, já referido anteriormente, que a partir da implantação do SUAS em Porto Alegre, estão distribuídos territorialmente em nove equipamentos. No ano de 2011, as nove equipes abordaram e iniciaram acompanhamento a 756 diferentes pessoas adultas em situação de rua, identificadas nominalmente ao longo do ano. A partir deste reconhecimento da população em situação de rua adulta foi possível às equipes traçarem, regionalmente, o mapeamento dos pontos, turnos e horários de maior incidência, além das observações apropriadas das características e perfis ali presentes. Portanto, para este estudo, as equipes puderam ajudar a produzir roteiros melhor definidos da situação de rua facilitando, assim, a ida a campo pelos entrevistadores.

Também contribuíram para o enriquecimento do mapeamento as informações trazidas por um grupo de pessoas em situação de rua, representantes dos serviços de atendimento, dos Fóruns e Movimentos Sociais de pessoas em situação de rua da cidade, que foram acompanhadas na FASC, por consultoria contratada ao longo dos meses de abril a dezembro do ano passado, considerados pesquisadores sociais.

Assim, o presente Estudo representa o resultado de um esforço coletivo que contempla diversos atores envolvidos com o tema, desde gestores, trabalhadores, pesquisadores e usuários, na busca, através dos resultados obtidos no mesmo, dar visibilidade aos dados pesquisados bem como subsidiar as ações previstas no Plano de Enfrentamento à Situação de Rua e no desenvolvimento das políticas públicas no município de Porto Alegre.

## 2. PROCESSO DO ESTUDO

Esta pesquisa teve como objetivo o recenseamento da população adulta em situação de rua da cidade de Porto Alegre, com o recolhimento de informações cadastrais acerca da população estudada, de modo a compor um perfil básico dessa população. Visou atualizar os dados recolhidos na pesquisa realizada pelo LABORS/UFRGS em 2007 (UFRGS, 2008), com o intuito de produzir um retrato atualizado da dimensão dessa população na cidade, assim como das temáticas mais específicas sobre cotidiano e trabalho, cidadania e relações com instituições e saúde.

A pesquisa faz parte de um processo de construção de políticas públicas dirigidas às pessoas em situação de rua que sejam mais adequadas aos desafios que as condições e modo de vida dessa parcela populacional requer. Desde a década de 1980 vem se acentuando uma preocupação pública e de gestores institucionais acerca do que, popularmente, foi chamado por muito tempo de “morador de rua” e que hoje, no repertório das políticas públicas brasileiras, chamamos de “pessoas em situação de rua”. Em que pese a diversidade de conceitos utilizados para sua descrição, pode-se dizer que esse conceito pretende denominar um conjunto de populações diversas que circulam pelas ruas e fazem dela seu local de existência e moradia, mesmo que temporariamente.

Embora as primeiras iniciativas de intervenção e debate sobre esse conjunto diverso de pessoas, no Brasil, tenham tido a característica de ser marcadamente filantrópicas e religiosas – os quais atendiam os que ficaram conhecidos como os “sofredores das ruas” -, principalmente no final da década de 1980, o poder público começou a articular reflexões sobre o tema, progressivamente produzindo um refinamento das políticas de assistência social e também das formas de sua categorização e proteção. A ruptura com a terminologia de “sofredor de rua” e a passagem para expressões tais como “povo de rua” e “morador de rua” teve o intuito de reforçar a consciência de grupo (povo) e da negação de um direito (morador de rua) (Rosa, 2005).

Em paralelo a tal processo, iniciou-se um movimento de luta por direitos da parte de representantes da própria população em situação de rua, complexificando o cenário das propostas de intervenção e das próprias formas de sua denominação (Pizzato, 2011). Como efeitos deste processo, percebeu-se que mesmo a própria terminologia “povo de rua” ou “morador de rua” escondia uma heterogeneidade importante de formas e estilos de vida e que havia várias “situações” diferentes em relação à permanência na rua as quais precisavam ser dimensionadas, como as quais àquelas classificadas por Vieira, Bezerra e Rosa (1992): *ficar, estar e ser* da rua.

A ruptura entre a terminologia “morador de rua” e “pessoas em situação de rua” é, portanto, significativa de toda uma mobilização política que visou, de um lado, atentar para a situacionalidade da experiência nas ruas e, de outro lado, combater processos de estigmatização dessa população, definindo-os a partir de uma concepção do habitar a rua como uma forma de vida possível e não

através de uma falta ou carência - de casa ou local de moradia fixa (Magni, 1994; Schuch, 2007). Vistos, em geral, como vítimas ou algozes, o conceito de “pessoas em situação de rua” também busca reconstituir certa agência dessa população, apontando que o enrijecimento de uma categoria explicativa – “moradores de rua” – esconde a pluralidade dos usos e sentidos da rua. O espaço da rua aparece, então, como um “lugar praticado” (De Certeau, 1984): um lugar existencial e simbólico, mais do que simplesmente geometricamente instituído. Esse reconhecimento da não homogeneidade de situações revigora a mobilização em torno de seu conhecimento, assim como conduz a necessidades de formulação de projetos para seu atendimento mais adequado ao conjunto de situações enfrentadas.

Como já foi salientando em relatório da pesquisa anterior (UFRGS, 2008), a diversidade de terminologias faz refletir sobre a relação entre as categorias descritivas da realidade e a produção dessa realidade. Isto porque uma mudança nas categorias de classificação implica uma transformação nos modos de identificação dessa população, uma vez que há um forte vínculo entre as categorias descritivas da realidade e sua própria construção<sup>1</sup>. O que aparentemente não é nada mais do que um *dado* da realidade é, deste modo, *construído* como tal por processos múltiplos, não necessariamente coesos, mas que podem ser descritos de forma coerente. Essas reflexões são significativas para se pensar que o *dado* das pesquisas ou *sujeito* das políticas de intervenção – neste caso, as “pessoas em situação de rua” - são mais do que uma essência concreta de alguma coisa, mas uma particularidade inteligível a partir de sua inserção num espaço de relações, que envolve tanto processos históricos mais abrangentes quanto, na contingência da pesquisa, uma atenção para as categorias de pesquisa utilizadas e a metodologia da coleta dos dados (Schuch, 2007).

Tais observações são importantes porque os estudos de contagem e cadastramento de populações, quando não partem somente de uma auto-atribuição dos pesquisados, devem redobrar sua atenção no esclarecimento de tais aspectos, uma vez que trabalham com um conjunto de atributos que são construídos para a construção de uma “população” que, necessariamente, não se reconhece como tal. Nesse caso, é preciso relacionar as categorias de classificação que definem o grupo de pessoas a ser potencialmente estudado com os dados apresentados ou perfil a ser construído sobre a população pesquisada. O mesmo é válido para a apresentação da metodologia de pesquisa utilizada, que se relaciona diretamente com o resultado a ser alcançado e, nos casos de contagem e/ou cadastro de populações - em que a super ou subestimativa pode ter graves efeitos políticos e sociais - requer grande cuidado.

Portanto, é fundamental explicitar as categorias de identificação da população pesquisada, assim como os procedimentos metodológicos da pesquisa. Embora estudos tais como os ora

---

<sup>1</sup> O sociólogo Pierre Bourdieu (1989), tentando compreender esse tipo de poder gerador de sistemas de classificação e de confirmação ou transformação do mundo, cunhou o conceito de “poder simbólico”. O poder simbólico é um poder irreconhecível, transfigurado e legitimado de outras formas de poder; trata-se de um poder eminentemente político de imposição de sistemas de classificação e, portanto, presente em todas as taxonomias científicas, religiosas, jurídicas, etc.

apresentados se caracterizem por um alto grau de simplificação e objetivação da realidade próprios das formas de intervenção estatal em contextos de emergência de políticas para pessoas diversas não captadas em “populações” estáveis (Scott, 1998), se deve entender essa pesquisa a partir da compreensão que de mesmo a própria dimensão da população pesquisada revela-se importante. Isto porque, sendo caracteristicamente heterogênea e, por vezes, transitória, a situação de rua não é captada em estudos contínuos de população, como os censos do IBGE, dada a dificuldade das pesquisas nessas condições. No entanto, sabe-se que a situação de rua é uma problemática enfrentada por um número crescente de pessoas, que utilizam serviços públicos e fazem das ruas lugar de sua existência social, impossibilitando sua invisibilidade e renovando as expectativas de sua inserção em recursos públicos. A pesquisa ora em questão deve ser entendida nesse contexto histórico e político, como um instrumento fundamental para a visibilidade dessa população e de possibilidade de que os dados gerados possam ser instrumentos para abordagens menos estigmatizantes, nas áreas de implementação de políticas de atendimento e também no debate acadêmico.

Para tanto, é fundamental perceber as condições da pesquisa e seus limites de fornecer um “retrato” que vale exatamente pela sua simplificação de fornecer totalizações sobre o grupo pesquisado, mas que, sem dúvida, não abarca a complexidade da vida cotidiana individual das pessoas estudadas. Tais dimensões precisam ser trabalhadas em programas e pesquisas mais específicas sobre o tema; nesse sentido mais amplo, considera-se que essa pesquisa em questão faz parte de um processo de reflexão e engajamento político e acadêmico acerca da problemática das pessoas em situação de rua que implica a renovação das expectativas sobre o conhecimento da diversidade das experiências na rua, dos itinerários particulares das pessoas que a habitam e do modo de utilização dos recursos sociais disponíveis, fundamentais para a formulação de imagens menos essencialistas sobre o habitar/existir na rua e suas múltiplas possibilidades.

## **2.1 Categorias e Modos de Construção da “População em Situação de Rua”**

Esta pesquisa utilizou a mesma categorização do público investigado na pesquisa realizada pelo LABORS/UFRGS, para a FASC, em 2007, de forma a permitir futuras possíveis correlações com esse estudo. Definiu-se, portanto, como pessoas em situação de rua, a serem pesquisadas durante o prazo do trabalho de campo, todas as pessoas que se encontrassem em abrigos, albergues e casas de convivência destinados ao acolhimento e/ou abrigo temporário, intermitente ou definitivamente, assim como aquelas que se encontrassem em atividades de perambulação/circulação pelas ruas e/ou que disserem fazer da rua seu local de existência e habitação, mesmo que temporária ou intermitentemente. Assim, o universo de pesquisa conjugou uma diversidade de fatores:

a) os modos de utilização do espaço da rua ou de territórios subvertidos em sua utilização (casas abandonadas, viadutos, parques, etc) - habitação, perambulação, permanência ou outra forma de existência social, mesmo que situacional;

b) o uso dos serviços destinados ao acolhimento de pessoas que necessitem de abrigo temporário, intermitente ou definitivamente;

c) a aparência e cultura material dos pesquisados, próprios dos processos do habitar a rua.

Desta forma, o estudo realizado abarcou as pessoas que disseram fazer da rua seu local de existência e/ou habitação (temporária, intermitente ou definitivamente), que foram encontradas nas ruas de Porto Alegre ou nos abrigos e albergues de acolhimento noturno e/ou convivência diária, durante o período da pesquisa: de 13 a 21 de dezembro de 2011. Tendo em vista a procura de uma definição mais ampla das pessoas em “situação de rua” para além da utilização da rua como dormitório – numa aproximação com o entendimento do habitar a rua como uma forma de inserção urbana - a pesquisa não se restringiu ao período noturno. Isto poderia não se coadunar com as práticas cotidianas de muitas pessoas colocadas nessa situação social, isto é, com seu modo de ocupação do espaço e com o uso de concepções do tempo (Magni, 1994 e Kasper, 2006). A rua aparece, nesse sentido, como um espaço de relações sociais e simbólicas, as quais não se reduzem a um significado puramente pragmático de resposta a fins específicos (trabalho, dormitório, etc) ou respondem puramente a necessidades básicas de vida. “Estar” na rua não é apenas uma estratégia de sobrevivência ou moradia, mas um modo específico de constituir a existência, mediado por sentidos sobre a habitação e pelas tramas de relações que a circunscrevem (Schuch, 2007).

Mais do que o privilégio da construção do universo de pesquisa em relação a uma prática determinada – dormir, por exemplo – a pesquisa tentou privilegiar o que Kasper (2006) chama de “processos de habitar a rua”, entendendo-se por isso as dinâmicas de “apropriação”, “instalação” e “incorporação” que recortam modos de inserção urbana particulares e constroem o lugar habitado, um território (De Certeau, 1984). “Apropriar-se” de alguma coisa, longe de ser simplesmente tomar como propriedade, é colocar nela sua marca, modelá-la (Kasper, 2006:25). Em sentido próximo, “instalar-se” pode ser definido como a prática que visa fazer corresponder um espaço que se pretende ocupar às práticas cotidianas, envolvendo os sentidos de adaptação e adequação. A “incorporação” diz respeito às dinâmicas de relacionamento do corpo com o meio ambiente, práticas de incorporação do ambiente (Kasper, 2006:26). Esses três processos de ordenação do espaço e tempo podem ser aproximados ao que Magni (1994) descreveu como sendo dinâmicas fundamentais que recortam a experiência da *itinerância e não-fixação* domiciliar: uma relação singular com o *espaço*, com o *corpo* e com as *coisas*<sup>2</sup>. O espaço existencial torna-se assim um espaço dinâmico que abriga existências espaciais e temporais particulares.

<sup>2</sup> Outros trabalhos também afirmam essas especificidades, como por exemplo: Costa (2006) e Perrot (1988).

## 2.2 Metodologia:

Para dar conta dos objetivos propostos na pesquisa, foi utilizada uma metodologia de pesquisa participativa que contou com a interação entre profissionais e técnicos da FASC, consultores da UFRGS, profissionais e estudantes de graduação e pós-graduação dos cursos de Ciências Sociais, mestrado e doutorado em Antropologia da UFRGS, estagiários da FASC provenientes dos cursos de Ciências Sociais, Psicologia e Serviço Social de variadas universidades, os quais atuavam, no momento da pesquisa, em diversos espaços de trabalho na FASC. Além dessa equipe diretamente envolvida no estudo, houve a participação indireta de profissionais dos CREAS da FASC que realizam cotidianamente, desde 2011, a abordagem social de rua. Houve também a participação de um grupo de usuários dos serviços destinados às pessoas em situação de rua, os quais contribuíram no mapeamento dos principais locais de utilização da rua por indivíduos e grupos que habitam ou permanecem na rua de forma permanente, temporária e/ou intermitente.

Em relação ao acompanhamento da produção da pesquisa, foi constituído um grupo de trabalho gestor da pesquisa, composto por quadro técnico da FASC, dois consultores da UFRGS e duas profissionais graduadas em Ciências Sociais e responsáveis pela supervisão do trabalho de campo e formação do banco de dados, provenientes da UFRGS. Esse grupo de trabalho planejou a pesquisa, ao mesmo tempo em que supervisionou todos os procedimentos de trabalho, tais como a construção do instrumento de pesquisa, a execução do mapeamento dos principais locais de utilização da rua pela população pesquisada, a confecção do manual do entrevistador e da carta de apresentação da pesquisa, além de coordenar e executar a avaliação geral da pesquisa pós-trabalho de campo.

### 2.2.1 Instrumento de Pesquisa

A pesquisa se caracteriza como diagnóstico descritivo analítico, com base em dados quantitativos. Para isto foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário estruturado de caráter censitário (anexo 1). Como a pesquisa quanti-qualitativa com adultos em situação de rua em Porto Alegre realizada no ano de 2007 (UFRGS, 2008) trouxe elementos fundamentais sobre as dinâmicas de vida dessa população, optou-se por não repetir uma pesquisa tão detalhada com a população estudada. Assim, esse estudo abarcou somente o cadastramento de adultos em situação de rua, totalizando 1347 pessoas, durante o período de realização da pesquisa, de 13 a 21 de dezembro de 2011.

Os dados dos cadastros foram agrupados em banco no software *Statistics Package Social Science* (SPSS), programa estatístico especial para a área de Ciências Sociais, através do qual também foram processados e estão disponíveis para utilização por equipe especializada de

profissionais da FASC, para futuras apropriações não previstas nesse relatório.

Salienta-se que a construção do instrumento de pesquisa foi precedida de reuniões entre os participantes do grupo de trabalho gestor do estudo, em que foi discutida a ideia de que o instrumento deveria permanecer o mais próximo possível daquele instrumento cadastral utilizado na pesquisa de 2007, realizada pelo LABORS/UFRGS, de modo a possibilitar o trabalho com as mesmas categorias analíticas. No entanto, tendo em vista uma avaliação da equipe técnica da FASC em torno do instrumento, foram introduzidas as seguintes mudanças:

- a) De modo a viabilizar o acréscimo de informações sobre a utilização do CREAS E CRAS, novos serviços introduzidos na instituição em 2010 (foi colocada uma questão específica a esse respeito).
- b) Também foram colocados, na questão específica sobre documentos que o entrevistado possui, as opções: “cartão do SUS” e “cadastro CAD”;
- c) Considerou-se desnecessário manter a opção “loló” no quadro de opções sobre produtos que o entrevistado consome, introduzindo-se nessa mesma tabela a opção “medicamentos (xaropes, calmantes ou analgésicos)”. Em avaliação pós-pesquisa de campo, muitos entrevistadores, no entanto, avaliaram negativamente a retirada dessa categoria, em função de sua permanência como um produto citado pelos sujeitos investigados.

Tendo em vista essas pequenas mudanças no conjunto do instrumento, é possível utilizar comparativamente certos dados recolhidos nos dois estudos – de 2007 e de 2011.

## **2.2.2 Equipe da Pesquisa**

Como já foi exposto, foi constituído um grupo de trabalho gestor da pesquisa, composto por quatro técnicas da FASC, dois consultores da UFRGS e duas profissionais graduadas em Ciências Sociais (responsáveis pela supervisão do trabalho de campo e formação do banco de dados, provenientes da UFRGS). Este grupo de trabalho planejou e organizou a realização da pesquisa.

Uma das tarefas fundamentais do planejamento foi a seleção da equipe de supervisores de campo e entrevistadores, assim como de sua capacitação para o trabalho. Foi decidido que os supervisores de campo seriam selecionados dentre estudantes de pós-graduação da UFRGS, dos cursos de Antropologia Social e Sociologia, preferencialmente com experiência na pesquisa anterior realizada pelo LABORS/UFRGS em 2007. Já os entrevistadores seriam selecionados dentre os estudantes de graduação de várias universidades gaúchas, que se encontrassem realizando estágio na FASC. Essa ideia de utilizar estagiários da FASC na pesquisa motivou-se pela expectativa de incitação desses profissionais para o engajamento na problemática das pessoas em situação de rua, tanto porque esses estudantes se encontram em contato com serviços variados dentro da FASC,

como pelo fato de que poderiam oxigenar as suas próprias universidades com as experiências da pesquisa com esse grupo de pessoas. Além disso, a própria característica da pesquisa, de ser realizada de forma participativa entre universidade e instituição pública, seria extremamente válida como formação profissional e acadêmica.

Todos os supervisores de campo, portanto, foram estudantes de pós-graduação, mais especificamente do curso de Antropologia Social; todos os entrevistadores foram estudantes do ensino superior, de Ciências Sociais, Psicologia e Serviço Social. Com relação aos entrevistadores, foi necessário selecionar alguns estudantes de graduação e pós-graduação, além dos estagiários da FASC, para suprir as demandas de trabalho da pesquisa.

É importante destacar que, além dos profissionais acima destacados, a pesquisa ainda contou com a infra-estrutura da FASC em termos de concessão de sala para abrigar a secretaria da pesquisa, motoristas para o acompanhamento dos percursos das equipes de pesquisa e profissionais das equipes de abordagem social dos CREAS, assim como um grupo de representantes políticos das pessoas em situação de rua, os quais contribuíram no mapeamento dos principais locais utilizados pela população pesquisada.

Desta forma, os profissionais participaram da pesquisa, compondo as seguintes atividades:

*Equipe técnica da FASC:* composta por quatro assistentes sociais, foram responsáveis pelo planejamento e organização da pesquisa, na condição de integrantes do grupo de trabalho gestor do estudo. Foram as coordenadoras da pesquisa na instituição, fazendo também a coordenação do mapeamento dos principais locais utilizados pelas pessoas em situação de rua, os contatos com as instituições de abrigos e albergues para receberem as equipes de pesquisa, bem como com representantes dos fóruns da população em situação de rua de Porto Alegre para sensibilizá-los para a pesquisa. Contribuíram também na análise dos dados e confecção do relatório ora apresentado.

*Consultores:* equipe composta por dois professores da UFRGS, um doutor em Sociologia e professor do Departamento de Sociologia e do curso de Pós-Graduação em Sociologia e uma doutora em Antropologia Social e professora no Departamento de Antropologia e do curso de Pós-Graduação em Antropologia Social. Foram responsáveis pelo planejamento e organização da pesquisa, acompanhando o trabalho de campo, análise dos dados e confecção do relatório final da pesquisa ora apresentado. Integraram o grupo de trabalho gestor da pesquisa;

*Equipe técnica da UFRGS (Coordenadores do Campo):* equipe formada por quatro profissionais: dois graduados em Ciências Sociais pela UFRGS; uma graduada em Ciências Sociais e mestranda em Antropologia Social pela UFRGS; e uma estudante de graduação em Ciências Sociais na UFRGS. Essa equipe foi responsável pela organização dos roteiros de pesquisa de acordo com o mapeamento e contato direto com os supervisores de campo para distribuição e recolhimento dos instrumentos de trabalho. A mesma equipe foi responsável pela digitação dos cadastros, inserção no



banco de dados e elaboração das freqüências dos resultados.

*Supervisores de Campo:* grupo composto por cinco graduados em Ciências Sociais, sendo destes três mestrandos e um doutor em Antropologia Social, todos com experiência prévia de trabalho em pesquisa, responsáveis pela supervisão da equipe de entrevistadores, durante o trabalho de campo.

*Entrevistadores de Campo:* grupo de 30 estudantes de cursos de graduação e pós-graduação de Ciências Sociais, Psicologia e Serviço Social, na sua maior parte estagiários da FASC. Foram responsáveis pela aplicação do questionário. Cada equipe de trabalho de campo foi composta por cerca de cinco entrevistadores e um supervisor, podendo esse número ter variado de acordo com as especificidades dos roteiros percorridos;

*Equipe de Auxílio à Logística e Infra-Estrutura:* além das equipes acima destacadas, ainda foram utilizados na pesquisa uma profissional de secretaria da FASC, que trabalhou junto com a equipe de coordenadores do campo, e motoristas da FASC, para percorrer os roteiros de pesquisa junto com as variadas equipes de campo e distribuição de lanches aos entrevistadores e supervisores.

### **2.2.3 Procedimentos de Campo:**

Foram adotados alguns procedimentos para viabilizar o bom andamento do trabalho de campo, descritos abaixo:

a) Treinamento dos entrevistadores e supervisores de campo: A equipe de supervisores e entrevistadores de campo foi capacitada no turno da manhã do dia 13 de dezembro de 2011, em um evento que contou com a apresentação dos objetivos da pesquisa, sua inserção na política institucional da FASC, uma apresentação dos principais resultados da pesquisa realizada em 2007 pelo LABORS/UFRGS e uma perspectiva da pesquisa atual como sendo parte de um processo maior de reflexões e engajamento institucional e acadêmico em torno dessa problemática. No curso, foram discutidas as perspectivas conceituais e metodológicas que embasam a pesquisa atual, dentro do escopo de levantamento de dados e incitação reflexiva iniciada fundamentalmente a partir da pesquisa de 2007 realizada pelo LABORS/UFRGS. Houve, inclusive, a entrega para todos os entrevistadores e supervisores de campo de um capítulo conceitual acerca da problemática das pessoas em situação de rua (Schuch et al., 2008), do livro “Diversidade e proteção social: estudos quanti-qualitativos das populações de Porto Alegre” (Gehlen, Silva e Borba, 2008). Também houve uma apresentação do instrumento de coleta de dados e sua discussão, assim como um treinamento em duplas de aplicação do questionário e discussão das formas de sua execução.

b) Elaboração de um manual do pesquisador, com instruções para o comportamento do pesquisador em campo e um incentivo para uma postura de respeito ao pesquisado, além de orientações gerais sobre a pesquisa. Esse manual do pesquisador foi discutido e entregue a todos

os pesquisadores – supervisores e entrevistadores – no momento de capacitação para a pesquisa e foi sugerido que os profissionais envolvidos no trabalho de campo pudessem estar sempre de posse do manual. O manual referido encontra-se no anexo 2 deste relatório.

c) Produção de uma carta de apresentação da pesquisa: essa carta foi assinada pelo presidente da FASC e representante das coordenadoras da pesquisa na FASC, com clara explicitação do tema e objetivos de pesquisa, formas de contato com a equipe técnica coordenadora da pesquisa na FASC e vinculações institucionais na mesma. Note-se que a carta de apresentação foi lida e entregue aos supervisores e para todos os entrevistadores durante o curso de capacitação, tendo sido especialmente desenvolvida para subsidiar o conhecimento da pesquisa por gestores de abrigos, albergues e casas de convivência, e população pesquisada que porventura se interessasse em obter maiores informações sobre os objetivos e escopo da pesquisa. É possível acessar a carta de apresentação no anexo 3 deste relatório;

d) Mapeamento dos locais de permanência ou dos itinerários das pessoas em situação de rua: essa atividade foi realizada a partir das informações coletadas nas equipes descentralizadas de todos os CREAS de Porto Alegre, tendo sido auxiliada por alguns representantes das pessoas em situação de rua, em contato direto com a equipe técnica da FASC integrante do grupo de trabalho gestor da pesquisa. Esses profissionais foram responsáveis pelo recolhimento de informações acerca dos locais usuais de permanência da população pesquisada, de modo a facilitar o planejamento dos percursos de campo;

e) Avaliação da pesquisa de campo: essa atividade envolveu todos os profissionais implicados na pesquisa e destinou-se a refletir sobre os desafios enfrentados durante a pesquisa de campo, com o objetivo de aperfeiçoar estratégias de pesquisa e interação com o grupo investigado.

De modo geral, a troca de experiências entre os diversos profissionais implicados no trabalho possibilitou uma rica discussão acerca das categorias a serem utilizadas, elaboração dos instrumentos, formação das equipes e procedimentos do trabalho de campo.

### 3 O TRABALHO DE CAMPO

#### 3.1 A coleta de dados: informantes

A equipe de pesquisa foi orientada, em tratamento específico, a esclarecer ao entrevistado os objetivos e procedimentos de pesquisa, assim como fornecer uma cópia das cartas de apresentação do estudo caso fosse necessário, deixando a pessoa abordada à vontade de participar da pesquisa. A participação não foi compulsória. No entanto, como a pesquisa é o perfil de ser uma contagem cadastral da população em situação de rua, houve a orientação de que mesmo quem explicitamente não quisesse responder o questionário ou não estivesse em condições para tanto deveria ser, ao menos, inserido na contagem da população. Nesse caso, o entrevistador deveria informar apenas as informações viáveis, como sexo, local, turno e dia da contagem. Veja-se a tabela que segue:

**TABELA 01 – Informante**

<i>Informante</i>	<i>2011</i>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>
O próprio	1033	76,7
Amigo(a)	21	1,6
Pai/Mãe	1	0,1
Irmãos	1	0,1
Companheiro(a)	6	0,4
Outro (entrevistador/supervisor; funcionário de abrigo; albergue ou Casa de Convivência)	285	21,2
<b>Total</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011.

Como se pode notar na tabela anteriormente colocada, houve um percentual alto de questionários que foram respondidos pela categoria “outro” (entrevistador/supervisor, funcionário de abrigo, albergue ou Casa de Convivência). As razões para tanto são variadas e a leitura desses dados conjuntamente com a informação sobre a situação do entrevistado no momento da pesquisa nos dá indicativos importantes para compreender as razões da impossibilidade de responder a pesquisa. Quando avaliamos a situação do entrevistado no momento da pesquisa, percebe-se que 7,3% estava dormindo e 6,2% apresentava sinais de desorientação mental e/ou comportamental, o que nos dá um total de 183 pessoas. Entende-se que essas situações são próprias das condições de vida dessa população; sem dúvida, tais pessoas poderiam participar da pesquisa caso esta fosse realizada com um período maior de duração e com uma abordagem qualitativa, o que não foi viável nesta pesquisa.

Os 293 cadastrados, que não foram entrevistados, distribuem-se de maneira homogênea pela cidade: locais, gênero, idades, etc., não havendo nenhum grupo específico que pudesse sugerir respostas diferenciadas da média, por isso, os 1.054 que tiveram todo o instrumento de coleta

preenchido, foram considerados como amostra da totalidade (1347). A estimativa de totais nas tabelas respectivas foi realizada com base na distribuição percentual da amostra e ao pé de cada tabela em que isto ocorreu foi colocada a seguinte nota explicativa: "Frequências estimadas com base em 1054 entrevistados".

Mais importante que esses dados, entretanto, é o alto percentual (12,8%) de pessoas que se negaram a responder a pesquisa, que totalizaram 172 pessoas. As três situações destacadas acima somam 355 pessoas, o que representou 30,3% das respostas sobre a situação do entrevistado. Nota-se que esse número é maior do que os 21,2% de questionários que foram respondidos por outras pessoas, uma vez que a situação de estar com sinais de desorientação mental e/ou comportamental, em si, não foi uma razão para a não resposta às questões, apenas um indicativo da situação do entrevistado no momento da pesquisa. Veja-se a tabela que segue:

**TABELA 02 – Situação do entrevistado no momento da entrevista**

Situação	2011	
	Freq	%
Apresentava sinais de alcoolismo ou drogadição	152	11,3
Estava dormindo	99	7,3
Apresentava sinais de desorientação mental e/ou comportamental	84	6,2
Apresentava comportamento agressivo e/ou hostil ao entrevistador	11	,8
Negou-se a responder a pesquisa	172	12,8
Encontrava-se em plenas condições de responder às perguntas	800	59,4
O entrevistado era mudo	-	-
NR	29	2,2
<b>Total</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011

Sugere-se que o percentual alto de negação de participação na pesquisa, em relação à pesquisa anterior realizada pelo LABORS/UFRGS (2007) que foi de apenas 4,2%, (50 pessoas), possa estar relacionado, essencialmente, a dois fatores:

a) de que a execução da pesquisa foi da FASC e haja resistências maiores a essa instituição, em contato direto com a população, do que à UFRGS, entidade executora da pesquisa anterior e, sem dúvida, mais afastada em relação à execução de políticas de intervenção;

b) uma maior organização política das pessoas em situação de rua do que em 2007, levando a disputas de representatividade e conflitos com o grupo de representantes políticos consultados na atividade de mapeamento, durante a organização da pesquisa.

Essa última interpretação é sugerida em função de um dos apenas três episódios de violência e agressão verbal aos pesquisadores, que ocorreu durante o trabalho de campo. Em pesquisa no Parque da Harmonia, uma equipe de pesquisa foi agredida verbalmente com xingamentos que salientavam que a pesquisa não era legítima de ser realizada pela FASC, a qual, na opinião do grupo em questão, deveria pesquisar os seus próprios funcionários. Além disso, o grupo salientou que as próprias pessoas em situação de rua deveriam conduzir a pesquisa e não

“mauricinhos e patricinhas da universidade”. Em todo o caso, essa situação foi mediada por alguns dos entrevistadores da equipe de pesquisa, após alguns minutos de tensão. O grupo a ser pesquisado, entretanto, negou-se a responder ao questionário. As outras duas situações tensas durante o trabalho de campo foram relacionadas à desconfiança de que o grupo de pesquisadores fosse ligado à polícia e a alguma lógica de investigação relacionada a uma possível política de higienização do espaço público em função da próxima Copa do Mundo, a ser realizada no Brasil e tendo Porto Alegre como um dos espaços para sua realização. Essas duas situações foram mediadas pelas equipes de pesquisa e, nos dois casos, foi possível entrevistar as pessoas para o estudo.

A avaliação desses episódios, pela equipe de pesquisa, é de que, de um lado, eles mostram a agência política de certas pessoas que não raro são consideradas “bárbaras” e “primitivas” a serem “civilizadas” pelas instituições estatais ou mesmo tão desprovidas de recursos econômicos que os levaria a uma despossessão simbólica. Ao se considerar a agência política dessas pessoas, é preciso refletir sobre a hipótese de que, mais do que “resíduos” periféricos ao Estado, certos grupos podem desejar manter certas práticas autônomas em relação às formas de inserção em recursos estatais. Desta forma, a negação à participação na pesquisa pode significar contrariedade com certa lógica de captura das instituições estatais, o que introduz o elemento de agência política dessas pessoas e problematiza a narrativa civilizatória na qual populações diversas são gradualmente inseridas e incorporadas em nossa próspera sociedade e cultura (Scott, 2009).

Como escreveu o antropólogo e cientista político James Scott (1998) em um livro significativamente chamado “*The Art of Not Being Governed*” (A Arte de Não ser Governado, Scott, 2009), é preciso rever a história civilizatória branca e europeia e pensar que determinadas populações, mais do que serem “deixadas para trás”, podem estar deliberadamente, em determinadas condições, recusando-se a serem incorporadas em recursos e programas estatais, nas suas lógicas de fixação e controle das mobilidades. Nesse caso, vale lembrar que, historicamente, populações itinerantes e/ou que estão inseridas em rotinas de vida de não fixação vêem os recursos estatais ao mesmo tempo como *atrativos* e *ameaçadores* e podem se utilizar intermitentemente de tais recursos, de acordo com a situação de suas condições de vida (Scott, 2009). É importante notar, no entanto, que as possibilidades de recusa na incorporação em projetos e programas estatais, mesmo que situacionais, não podem ser lida de forma voluntarista, como se fosse simplesmente produtos de uma vontade individual, mas são opções configuradas na própria experiência social, ou seja, em relação ao campo de possibilidades sociais e das lógicas de intervenção existentes.

De outro lado, o alto percentual de recusa em responder o questionário da pesquisa evidencia a própria complexidade de uma pesquisa com tal população, a qual não apenas é extremamente diversa, mas vive em situações cotidianas de violência, o que pode justificar a cautela e a

desconfiança em relação ao cadastramento. Vale mencionar aqui certos dados qualitativos da pesquisa realizada em 2007 (UFRGS, 2008) nos quais as respostas à questão “O que você menos gosta na rua?” são bastante significativas. A categoria “a vigilância da polícia” apareceu em terceiro lugar, com 12% das respostas. Essa categoria pode ser relacionada com outra opção com um percentual significativo das respostas, o item “a discriminação de estar na rua”, que apareceu com 10,5% das afirmações. Há a percepção, da parte da população investigada, de existência de um processo de criminalização da situação de rua, seja uma criminalização *legal*, que se efetiva pelo trabalho de vigilância da polícia, seja uma criminalização *moral* da atividade de se estar em situação de rua, expressa pela percepção de discriminação social, vivenciada pelas pessoas em situação de rua em Porto Alegre. Não é difícil, portanto, compreender as razões das desconfianças em relação à pesquisa e sua possível vinculação com práticas policiais.

Não obstante, o percentual de recusa à pesquisa indica a necessidade de uma negociação ampla com diversos representantes do grupo pesquisado que deve ser permanente e muito enfaticamente indicada como condição para a realização de pesquisas posteriores. Ao mesmo tempo, impõe à necessidade de políticas de intervenção cada vez mais participativas e dialógicas.

### 3.2 Contexto Social e Territorial dos Entrevistados

Em relação ao contexto social onde se encontrava o entrevistado no momento da pesquisa, pode-se afirmar que as respostas mais freqüentes mostram que os entrevistados estavam “com outros adultos em situação de rua” (48,9%) e “sozinho/isolado” (46,3%), o que pode indicar um cotidiano de convivência com o grupo de pares e/ou situação de isolamento. Veja-se os dados que seguem:

**TABELA 03 – No momento da entrevista ou constato estava**

<i>Situação</i>	<i>2011</i>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>
Sozinho / Isolado	623	46,3
Com outros adultos em situação de rua	659	48,9
Com outros adultos, jovens e crianças em situação de rua	17	1,3
Com jovens e crianças em situação de rua	1	0,1
Com a família	18	1,3
Com outros adultos em situação de rua, mas na casa de convivência	1	0,1
NR	28	2,1
<b>Total</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011

No que se refere ao contexto territorial, os percentuais mais significativos foram das categorias “instalado/acampado em lugar público” (27,5%), “abrigo/albergue/casa de convivência” (24,5%) e “em trânsito/trabalhando” (20,3%), como é evidenciado na tabela que segue:

**TABELA 04 – Em relação ao contexto territorial, o entrevistado encontrava-se:**

<i>Situação</i>	<i>2007</i>		<i>2011</i>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>
Instalado / acampado em lugar público	245	20,4	370	27,5
Instalado / acampado em lugar privado	8	0,7	19	1,4
Descansando / dormindo sem estar acampado	160	13,3	180	13,4
Em trânsito / trabalhando	186	15,5	273	20,3
Albergue / Abrigo / Casa de Convivência	340	28,3	330	24,5
Perambulando	207	17,2	139	10,3
NR	57	4,7	36	2,7
<b>Total</b>	<b>1203</b>	<b>100</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2007  
 Pesquisa Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011

### 3.3 Itinerários, dias e turnos da pesquisa

Para o trabalho de campo, houve a construção de roteiros de percursos para serem cumpridos pelas equipes de trabalho, em turnos de 6 horas. Os roteiros foram construídos a partir da atividade do mapeamento e entregues aos supervisores de campo e encontram-se sistematizados em tabela específica, no anexo 4 deste relatório. Em caso de não cumprimento de todo o roteiro estabelecido como atividade do turno em questão, o percurso foi novamente inserido nas atividades de trabalho, para ser completamente realizado.

Em geral, houve um equilíbrio entre os percentuais de questionários feitos entre os dias da pesquisa, com exceção dos dias 17 e 18 de dezembro, um fim de semana, que totalizou apenas 12,3% dos questionários do estudo, e do dia 21 de dezembro, último dia da pesquisa, que foi reservado para uma retomada de pontos do mapeamento que haviam ficado pendentes ou mesmo que necessitavam ser re-checados tendo em vista a possibilidade de haver pessoas ainda não pesquisadas. Em consonância com esses dados, apresentados na tabela a seguir, a tabela 06 mostra que o dia da semana com menor percentual de questionários respondidos foi domingo (3,8%). No que se refere aos turnos de trabalho, houve realização da pesquisa pela manhã, tarde e noite, destacando-se o período noturno (43,6%). Os dados do período de realização das entrevistas, assim como dos dias da semana e turnos de trabalho encontram-se explicitados nas tabelas que seguem:

**TABELA 05 – Período de realização das entrevistas – 2011**

<i>Período</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>
13 e 14 de dezembro	360	26,7
15 e 16 de dezembro	384	28,6
17 e 18 de dezembro	166	12,3
19 e 20 de dezembro	274	20,3
21 de dezembro	163	12,1
<b>Total</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011.

**TABELA 06 – Dia da semana da entrevista entre os dias – 13 a 21 dez 2011**

<i>Dia da semana</i>	<i>2011</i>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>
Domingo	51	3,8
Segunda	117	8,7
Terça	294	21,8
Quarta	386	28,7
Quinta	244	18,1
Sexta	141	10,5
Sábado	114	8,5
<b>Total</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011

**TABELA 07 – Turno da Entrevista entre os dias 13 a 21 dez 2011**

<i>Turno</i>	<i>2011</i>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>
Manhã ( Entre 06h e 12h)	297	22,0
Tarde (Entre 12h e 18h)	463	34,4
Noite (Entre 18h e 24h)	587	43,6
Madrugada (Entre 24h e 06h)	---	---
<b>Total</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

O trabalho de campo foi iniciado em abrigos, albergues e casas de convivência destinados ao atendimento de pessoas em situação de rua e, posteriormente, abarcou as ruas de Porto Alegre. No total, 345 pessoas foram entrevistadas dentro dos abrigos/albergues e 1002 nas ruas e logradouros da cidade.

**TABELA 08 – Local de realização das entrevistas**

<i>Local</i>	<i>2011</i>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>
Albergue Dias da Cruz	41	3,0
Albergue Felipe Diehl	73	5,4
Albergue Municipal	54	4,0
Abrigo Municipal Bom Jesus	42	3,1
Abrivivência - Abrigo Municipal Marlene	46	3,4
Casa de Convivência I - Atendimento Social de Rua	25	1,9
Casa de Convivência II - Ilê Mulher	64	4,8
Rua	1002	74,4
<b>Total</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011

Após a realização da pesquisa em abrigos, albergues e casas de convivência, foi priorizada a zona de maior concentração de pessoas em situação de rua, o Centro e adjacências, em que há, também, a maior concentração de serviços de atendimento destinados a essa população. Pode-se perceber que o Centro (27,3%), o bairro Floresta (10%) e Menino Deus (7,7%) foram os locais de maior realização de entrevistas, totalizando 45%. Esses mesmos bairros se destacaram na pesquisa de 2007 (UFRGS, 2008), os quais, na época, totalizaram 50,6% dos entrevistados. Embora quando se considere essa região como um todo seja possível destacar uma diminuição de pouco mais de 5% da população em situação de rua pesquisada, quando se compara os dados atuais com os recolhidos em 2007, percebe-se que há, na verdade, uma pequena mudança na distribuição da população entre os bairros considerados, uma vez que no bairro Centro houve um



acréscimo populacional (de 23 para 27,3%), enquanto no bairro Floresta (de 15 para 10%) e Menino Deus (11,7 para 7,7%) há uma diminuição populacional.

A comparação com os dados de 2007, entretanto, mostra algumas modificações que podem estar relacionadas com o processo de implantação das políticas descentralizadas dos CREAS E CRAS. É possível verificar um crescimento de pessoas em situação de rua em alguns bairros, tais como Navegantes (de 2,8 para 7,6%), Jardim Leopoldina (de 0 para 2,1%), Cristo Redentor (de 0,3 para 0,9%), Jardim Itu (de 0,4 para 0,8%), Sarandi (0,2 para 0,8%), Moinhos de Vento (de 0,1 para 1,6%), Rio Branco (de 0 para 1%), Santa Cecília e Santana (0,9 para 4,7%), Partenon (de 0,2 para 1,3%), Cruzeiro (0,4 para 0,9) e Praia de Belas (0,3 para 3,9%). Por outro lado, quando comparada com a pesquisa de 2007, os dados de 2011 mostram que há uma diminuição das pessoas em situação de rua encontradas na Azenha (de 5,9 para 3,5%), Cidade Baixa (de 9,2% para 5%), Farroupilha (3,3 para 0,7), Independência (0,9 para 0,1), Jardim Botânico (1,8 para 0,8%) e São Geraldo (de 3,2 para 1,7%).

Note-se, entretanto, que em alguns bairros que são próximos é possível considerar uma circulação de pessoas, o que faz com que se possa relacionar o crescimento populacional de bairros que tiveram decréscimo populacional com outros que tiveram acréscimo e vice-versa, como por exemplo, o bairro Menino Deus (de 15 para 10%), Cidade Baixa (de 9,2 para 5%) em relação ao bairros Praia de Belas (de 0,3 para 3,9%) e Centro (de 23 para 27,3%), o bairro São Geraldo (de 3,2 para 1,7%) em relação ao bairro Navegantes (de 2,8 para 7,6%), etc.

Tais dados estão expostos na tabela que segue:

**TABELA 09 – Bairro onde foi realizada a entrevista**

<i>Bairro</i>	<i>2007</i>		<i>2011</i>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>		
Agronomia	---	---	4	0,3
Anchieta	---	---	4	0,3
Azenha	71	5,9	47	3,5
Bela Vista	---	---	1	0,1
Boa Vista	---	---	1	0,1
Bom Fim	49	4,1	59	4,4
Bom Jesus	47	3,9	45	3,3
Camaquã	---	---	5	0,4
Cavallhada	---	---	2	0,1
Centro	277	23,0	368	27,3
Centro/Floresta (Viaduto Conceição e arredores)	70	5,8	---	---
Chacara das Pedras	---	---	3	0,2
Cidade Baixa	111	9,2	67	5,0
Cristo Redentor	4	0,3	12	0,9
Cristal	---	---	13	1,0
Cruzeiro	5	0,4	12	0,9
Ecco Ville	---	---	1	0,1
Farroupilha	40	3,3	10	0,7
Floresta	191	15,9	134	10,0
Higienópolis	2	0,2	1	0,1
Hípica	1	0,1	1	0,1
IAPI	---	---	4	0,3
Independência	11	0,9	2	0,1
Intercap	2	0,2	6	0,4

Ipanema	9	0,7	7	0,5
Jardim Botânico	22	1,8	11	0,8
Jardim Itu	2	0,2	6	0,4
Jardim Ipiranga	---	---	2	0,1
Jardim Lindóia	4	0,3	5	0,3
Jardim Planalto	2	0,2	1	0,1
Jardim Leopoldina	---	---	28	2,1
Lomba do Pinheiro	---	---	1	0,1
Mário Quintana	---	---	1	0,1
Medianeira	---	---	4	0,3
Menino Deus	141	11,7	104	7,7
Minuano	---	---	1	0,1
Moinhos de Vento	1	0,1	21	1,6
Navegantes	34	2,8	102	7,6
Nonoai	---	---	2	0,1
Parque dos Maias	4	0,3	---	---
Partenon	2	0,2	18	1,3
Passo da Areia	6	0,5	10	0,7
Passo das Pedras	---	---	5	0,4
Petrópolis e Alto Petrópolis	5	0,4	6	0,4
Porto Seco	---	---	2	0,1
Praia de Belas	4	0,3	53	3,9
Protásio Alves	---	---	2	0,1
Restinga	4	0,3	6	0,5
Rio Branco	---	---	14	1,0
Rubem Berta	2	0,2	6	0,4
Santa Tereza	---	---	4	0,3
Santa Cecília e Santana	11	0,9	62	4,7
Santo Antônio	---	---	2	0,1
São Geraldo	38	3,2	23	1,7
São João	6	0,5	3	0,2
São Sebastião	---	---	1	0,1
São José	1	0,1	---	---
Sarandi	2	0,2	11	0,8
Teresópolis	7	0,6	5	0,4
	---	---	2	0,1
Tristeza	6	0,5	6	0,4
Vila Ipiranga	---	---	2	0,1
Vila Jardim	---	---	3	0,2
Não informado	9	0,7	3	0,2
<b>Total</b>	<b>1203</b>	<b>100</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2007 e Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011.

## 4 CARACTERIZAÇÕES DA POPULAÇÃO PESQUISADA

### 4.1 Identificação

Em relação ao gênero (sexo), manteve-se uma certa estabilidade em relação à pesquisa anterior, ou seja, 81,7% do sexo masculino e 17,1% do feminino. O restante não declarou.

A distribuição por faixa etária mostrou uma dispersão ou distribuição, principalmente entre 25 e 59 anos. Em relação ao estudo anterior percebe-se uma diminuição na faixa menor, ou seja, dos 18 aos 24 anos e aumento significativo (duplicando) na faixa dos idosos, sessenta anos ou mais. Isto mostra que há menor ingresso em decorrências das faixas anteriores, aparentando diminuição de adolescentes na rua, e por outro lado a permanência de idosos explicável neste período pelo aumento da expectativa de vida.

**TABELA 10 – Faixa etária do entrevistado**

Faixa etária	2007		2011	
	Freq	%	Freq	%
De 18 a 24 anos	237	19,7	164	12,2
De 25 a 34 anos	361	30,0	414	30,7
De 35 a 44 anos	266	22,1	299	22,2
De 45 a 59 anos	263	21,9	317	23,5
60 anos ou mais	39	3,2	101	7,5
NS/NR	37	3,1	52	3,9
<b>Total</b>	<b>1203</b>	<b>100</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2007 e Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011.

Metade dos cadastrados (49,9%) nasceu em Porto Alegre. O restante, veio do interior do estado (32,5%); da região metropolitana, 10,5% e de outras origens, inclusive outros países ou não respondeu 10,1%.

Dentre os que nasceram em Porto Alegre (cerca de 50%), mais de dois terços (73,5%) sempre morou na cidade. O restante já perambulou fora da capital, não necessariamente no período em que vive na rua.

Dentre os que não nasceram em Porto Alegre, a maioria (45,2%) veio do chamado interior do Estado (que exclui a Região Metropolitana). Desta região provem um quarto ou 25%. A presença de nascidos em outros estados brasileiros é de 14,5% e, pouco mais de 1% provém de outro país.

Considerando o tempo que mora em Porto Alegre percebe-se um processo contínuo de imigração ou ingresso de pessoas migrantes no mundo da rua. Mesmo dentre os que nasceram em Porto Alegre, possuem trajetória migratória, pois informaram não terem vivido sempre na cidade.

**TABELA 12 – tempo em que vive em Porto Alegre 2007 e 2011**

<i>Tempo</i>	2007		2011	
	<i>Freq</i>	%	<i>Freq*</i>	%
Há menos de 01 ano	139	11,6	140	10,4
Entre 01 e 05 anos	128	10,6	139	9,6
Entre 05 e 10 anos	93	7,7	88	6,5
Entre 10 e 20 anos	129	10,7	136	10,1
Há mais de 20 anos	262	21,8	270	20,0
Desde que nasceu	341	28,3	164	34,4
Não lembra	6	0,5	---	---
NR	105	8,7	120	8,9
<b>Total</b>	<b>1203</b>	<b>100</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2007 e Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011.

\*Frequências estimadas com base em 1054 entrevistados

O tempo de vida em situação de rua é decisivo para a introjeção de uma cultura específica. Os dados assim obtidos mostram que mais de 1/4 (26,5 %) dessa população vive na rua há mais de uma década, o que pode ser considerado um longo prazo de tempo, enquanto, na extremidade oposta, quase 1/4 dos entrevistados (22,5 %) ingressou nesse modo de vida no transcorrer do último ano. Quase um terço (29,7%) estão na condição de rua entre 1 e 5 anos.

Considerando-se o tempo que está em situação de rua, constata-se uma distribuição bem diversificada no tempo. Percebe-se uma clara predominância dos que estão nessas condições, no intervalo entre um e cinco anos (52,2%), perfazendo mais da metade. Isto indica mobilidade e renovação. Porém comparativamente ao estudo anterior este percentual diminuiu. Não significa que diminui o ingresso na condição, mas a mobilidade dos que estão há pouco tempo, apenas. Os demais pode-se considerar que já se consolidaram, pois a vivência num tipo de vida por mais de cinco anos cria identidade de referência específica.

Os dados mostram que há um aparente *continuum* na reprodução dessa população. Há uma incidência mais alta considerando-se os últimos doze meses, porém de maneira geral nesse período há muita alternância e situações transitórias, não sendo possível concluir-se se há ou não tendência a aumentar. No entanto, aparentemente não se percebe ciclo involutivo.

O tempo de rua inclui também o período em que estiveram nesta condição em outras cidades.

**TABELA 13 – Tempo em vive em situação de rua 2011**

<i>Tempo</i>	<i>Freq*</i>	%
Há menos de 01 ano	303	22,5
Entre 01 e 05 anos	400	29,7
Entre 05 e 10 anos	240	17,8
Entre 10 e 20 anos	218	16,2
Há mais de 20 anos	135	10,0
Não lembra	1	0,1
NR	50	3,7
<b>Total</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011.

\*Frequências estimadas com base em 1054 entrevistados

A população em situação de rua possui perfil muito semelhante à população em geral da cidade no que se refere à leiturção e escrituração. Menos de 10% não sabem ler nem

escrever e mais de 80% sabem ler e escrever. A situação permanece praticamente inalterada em relação à 2007:

**TABELA 14 – Leituração e escrituração da população em situação de rua – 2007 e 2011**

<i>Situação</i>	<i>2007</i>		<i>2011</i>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq*</i>	<i>%</i>
Sabe ler e escrever	944	78,5	1108	82,3
Apenas escrever o nome	86	7,1	81	6,0
Não sabe ler nem escrever	106	8,8	109	8,1
NR	67	5,6	49	3,7
<b>Total</b>	<b>1203</b>	<b>100</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2007 e Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011.

\*Frequências estimadas com base em 1054 entrevistados

A escolaridade constitui-se ainda, no Brasil, em fator preponderante para mobilidade social. Mais de 60% não completaram o ensino fundamental, incluindo-se os que se declararam analfabetos. Ingressaram no Ensino médio 14,4% sendo que metade concluiu. Quase 3% ingressaram no ensino superior, e a maioria concluiu.

**TABELA 15 – Escolaridade da população adulta a em situação de rua de Porto Alegre – 2007 e 2011**

<i>Escolaridade</i>	<i>2007</i>		<i>2011</i>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq*</i>	<i>%</i>
Analfabeto	192	16,0	194	14,4
Ensino Fundamental incompleto	558	46,4	680	50,5
Ensino Fundamental completo	161	13,4	182	13,5
Ensino Médio incompleto	105	8,7	98	7,3
Ensino Médio completo	72	6,0	96	7,1
Ensino Superior incompleto	23	1,9	23	1,7
Ensino Superior completo	8	0,7	12	,9
Aprende sozinho / Ensino Especial	3	0,3	---	---
NS/NR	81	6,8	62	4,6
<b>Total</b>	<b>1203</b>	<b>100</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2007 e Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011.

\*Frequências estimadas com base em 1054 entrevistados

A informação sobre orientação sexual da população em situação de rua apresenta índices aparentemente semelhantes ao da população em geral, ou seja pouco mais de 85% se declarou heterossexual. O homossexualismo, em geral tido como elevado nesta população não se confirmou nem em 2007 e nem em 2011.

**TABELA 16 – Orientação sexual população adulta em situação de rua, em Porto alegre - 2007 e 2011**

Orientação	2007		2011	
	Freq	%	Freq*	%
Heterossexual	1028	85,5	1156	85,8
Homossexual (gay/lésbica)	22	1,8	13	1,0
Travesti	1	0,1	6	,5
Transexual	3	0,2	2	,2
Bissexual	48	4,0	58	4,3
Nenhuma	2	0,2	---	---
NR	99	8,2	112	8,3
<b>Total</b>	<b>1203</b>	<b>100</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2007 e Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011.

\*Frequências estimadas com base em 1054 entrevistados

Os olhares sobre “o outro” sofre vieses, como luz na água. Procurando compreender esta situação no momento do encontro entre dois “mundos” diferentes, ao menos no *modus vivendi* de cada um, obteve-se duas informações a respeito. Uma de autoidentificação, sem sugestão de resposta e outra de heteroidentificação, em que o entrevistador registrava sua impressão, seu olhar sobre o entrevistado.

O resultado embora divergente, mostra que a cor branca representa a maior presença de população em situação de rua em Porto Alegre, com cerca de um terço. A segunda maior incidência para ambos “olhares” é a negro ou preta, com pouco menos de um terço das respostas.

Observa-se uma incidência significativa de autodeclaração de Indígena (2%) e de Bugre (1,5%). A categoria bugre<sup>3</sup> carrega forte carga pejorativa, nos meios de difusão e nas categorias sociais dominantes. Aparentemente esta noção está sendo assumida em caráter positivo e afirmativo de identidade.

<sup>3</sup> Bugre é um conceito bastante controverso na literatura social, “No Brasil, os costumes dos índios, os hábitos alimentares, o fato de andarem nus, a cor da pele, os traços faciais, a “imoralidade” e a relação com o meio ambiente seriam vistos como sinais de proximidade ou mesmo plena imersão na natureza, configurando uma pré-humanidade que mal se distingue da animalidade” (Guisard, 1999). Esta definição do autor coincide em grande parte com o senso comum sobre este personagem. Geralmente pejorativo, nos remete aos Búlgaros, migrantes para o Sul da Europa e identificados com a face negativa da civilização. No Brasil é um termo conhecido em toda país com conotações diversas, geralmente negativa. De origem francesa “bougres” deturpação de “Bulgaro” é usado desde a época colonial. No Sul do Brasil teve forte impacto entre os imigrantes europeu do século XIX, que os confundiam muitas vezes com indígenas, sobretudo Kaingangos. No Sul há uma tendência a idetificá-los com

TABELA 17 – Raça/Cor da população adulta em situação de Rua em Porto Alegre, 2011

Raça/cor	Atribuída pelo entrevistador		Auto-atribuída pelo entrevistado	
	Freq*	%	Freq*	%
Branca	505	37,3	412	30,6
Negra / Preta	407	30,2	321	23,9
Parda	338	25,1	120	8,9
Amarela	1	0,1	8	0,6
Indígena	13	1,0	27	2,0
Outra, não especificada	8	0,6	5	0,4
Moreno(a)	---	---	137	10,2
Misto(a)	---	---	26	1,9
Claro(a)	---	---	8	0,6
Mulato(a)	---	---	13	1,0
Sarará	---	---	38	2,8
Moreno(a) Claro(a)	---	---	18	1,3
Mestiço	---	---	12	0,9
Bugre	---	---	20	1,5
Jambo	---	---	5	0,4
Alemã	---	---	13	1,0
Gaúcho	---	---	1	0,1
Gringo / Italiano	---	---	1	0,1
Cafuzo	---	---	3	0,2
Vermelho	---	---	4	0,3
Cuia	---	---	7	0,5
Brasileira	---	---	3	0,2
Marron	---	---	1	0,1
Colorido	---	---	1	0,1
Loira	---	---	3	0,2
Mameluca	---	---	5	0,4
Tudo igual	---	---	3	0,2
Gringo	---	---	3	0,2
Qualquer	---	---	3	0,2
Não tem cor	---	---	3	0,2
Bronzeado marron	---	---	1	0,1
Tupi Guarani	---	---	1	0,1
Todas	---	---	1	0,1
Cinzeno	---	---	1	0,1
Multirracial	---	---	1	0,1
Castelhano com bugre	---	---	1	0,1
Índio com castelhano	---	---	1	0,1
Descendente de japonês	---	---	1	0,1
Albino	---	---	1	0,1
Azul	---	---	1	0,1
Castanho paraba	---	---	1	0,1
Marron bombom	---	---	1	0,1
Normal	---	---	1	0,1
NR	75	5,6	108	8,0
<b>Total</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011

\*Frequências estimadas com base em 1054 entrevistados

## 4.2 Cotidiano e Trabalho

Um indicador importante das condições de existência material de populações ou grupos sociais é apresentado pelas condições de dormir, momento de solidão e desproteção. No caso dessa população é o principal indicador de sua condição social.

Cerca de 60% dormem em locais de risco, ou desprotegidos: calçadas e praças ou parques (39,3%), os demais se recolhem embaixo de pontes ou viadutos, em casas abandonadas e em uma gama elevada de circunstâncias de desabrigo. De 2007 para cá houve uma alteração “positiva”, baixando de cerca de 65% para cerca de 60% dos que dormem nessa condição desprotegida.

**TABELA 18 – Locais utilizados com mais frequência para dormir**

Local	2007		2011	
	Freq	%	Freq*	%
Calçadas / Calçadão	232	19,3	262	19,4
Praças / Parques	227	18,9	269	19,9
Albergue	227	18,9	296	22,0
Pontes / viadutos	128	10,6	96	7,1
Abrigo	73	6,1	120	8,9
Na própria casa	54	4,5	48	3,6
Hotéis / Pensões	39	3,2	30	2,2
Na casa de amigos / parentes	37	3,1	31	2,3
Casas e prédios abandonados / mocós	32	2,7	50	3,7
Terminal de ônibus / Ponto de ônibus	16	1,3	8	0,6
Avenida / Rua	15	1,2	---	---
Vários locais	9	0,7	1	0,1
Outro	7	0,6	4	0,3
Gasômetro	5	0,4	---	---
Garagem/Depósito	4	0,3	7	0,5
Peças de aluguel / aluguel	3	0,2	1	0,1
Rodoviária	3	0,2	5	0,4
Igreja	3	0,2	3	0,2
Carrinho	3	0,2	3	0,2
Terreno baldio	2	0,2	---	---
Acampamento	2	0,2	---	---
Banca de frutas/Barraca	2	0,2	7	0,5
Posto de gasolina	2	0,2	1	0,1
Hospitais	2	0,2	---	---
Favela	1	0,1	---	---
Galpão do Harmonia	1	0,1	9	0,7
Orla do Guaíba/Praia	---	---	5	0,4
Lar Renascer do Amor	---	---	7	0,5
Bar	---	---	1	0,1
Qualquer lugar	---	---	5	0,4
Não dorme	---	---	1	0,1
No mato da Bom Jesus/No matinho da vovó	---	---	4	0,3
Local escondido embaixo das árvores	---	---	1	0,1
Locais onde trabalha ou faz bicos	---	---	3	0,2
Caminhando	---	---	1	0,1
Perua na Olavo Bilac	---	---	1	0,1
Aeroporto	---	---	1	0,1
Pátio privado	---	---	1	0,1
Lugar de maior movimento com segurança	---	---	1	0,1
Lugar sigiloso	---	---	1	0,1
Dentro de um carro	---	---	1	0,1
NR	74	6,2	62	4,6
<b>Total</b>	<b>1203</b>	<b>100</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011.

\*Frequências estimadas com base em 1054 entrevistados

As atividades ocupacionais da população adulta em situação de rua de Porto Alegre revelam que desempenham atividades de relevância para a cidade. Quase a totalidade deles, se identifica com o exercício de atividades necessárias ou reconhecidas socialmente. Somando-se as



mais relevantes do ponto de vista percentil, constata-se que mais de 60% desempenha atividade reconhecida e aceita com inclusiva: catar material reciclável (quase um quinto ou 19,8%), realizar atividade de reciclagem (15,9%), lavar ou guardar carros na rua (11,6%), construção civil (6,3%), entre outras. As atividades de menor reconhecimento social como “pedir” ou “achacar” diminuiu significativamente (de 15% em 2007 para 9,5% em 2011). Dessa forma, percebe-se uma mudança nas atividades na direção daquelas de maior reconhecimento social e de melhor estabilidade e remuneração.

**TABELA 19 – Principal atividade que faz para sobreviver – 2011**

<i>Atividade</i>	<i>Freq*</i>	<i>%</i>
Construção Civil / Pedreiro / Pintor	85	6,3
Lava / guarda carros / flanelinha	156	11,6
Carga e descarga	42	3,1
Vendedor (doces, frutas, amendoim, flores, jornais)	61	4,5
Catador de materiais recicláveis	267	19,8
Distribui panfletos	11	0,8
Limpeza / Faxina	12	0,9
Faz programas / prostituição	9	0,7
Reciclagem	241	15,9
Pede / achaca	128	9,5
Jardinagem	7	0,5
Nada	30	2,2
Aposentado/Pensionista	32	2,4
Recebe o Bolsa Família	27	2,0
Auxílio doença	7	0,5
Benefício de Prestação Continuada	8	0,6
Benefício Social - genérico	9	0,7
Bicos	24	1,8
Desempregado	4	0,3
Artesão	12	0,9
Gari/DMLU	5	0,4
Cootravipa	7	0,5
Ceasa	5	0,4
Recebe ajuda de familiares/amigos/pai dos filhos	12	0,9
Serviços Gerais	12	0,9
Artista de rua/malabares	5	0,4
Auxiliar de mecânica	5	0,4
Chapeação	3	0,2
Serralheiro	3	0,2
Recebe doações	7	0,5
Tráfico	3	0,2
Trabalha (genérico)	4	0,3
Está em tratamento médico ou hospitalizado	4	0,3
Trabalha no Zaffari	1	0,1
Vagabundo/Foi arquiteto	1	0,1
Rouba	1	0,1
Abrigo	1	0,1
Montagem e desmontagem de palcos para eventos	3	0,2
Motorista	1	0,1
Refrigeração	1	0,1
Estágio	1	0,1
Carpinteiro	1	0,1
Escreve artigos para sites	1	0,1
Albergue e bandeirão	3	0,2
Estofador	1	0,1
Cabeleireiro	1	0,1

Jogo, aposta alto	1	0,1
Publicitário	1	0,1
Tem rendas	3	0,2
Serigrafia	1	0,1
Seguro desemprego	1	0,1
Freelancer	1	0,1
Desenhista	3	0,2
Eventos	1	0,1
Administração	1	0,1
Serviço Público	1	0,1
Portaria	1	0,1
Lavadeira	1	0,1
Operador de Máquinas	1	0,1
Entregadora	1	0,1
Sindicato - Terceirizado da Colombo	1	0,1
Vigilante	1	0,1
Boate/Bar Man	1	0,1
Auxiliar de sapateiro	1	0,1
chapista	1	0,1
Letrista	1	0,1
Oficinas	1	0,1
Vários, faz de tudo	1	0,1
NR	84	6,2
<b>Total</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011.  
\*Frequências estimadas com base em 1054 entrevistados

Os lugares ou ambientes em que passam a maior parte do tempo são os espaços públicos, em geral abertos, com fraca proteção. Considerando praças, ruas, calçadas e locais semelhantes são aproximadamente 60% os que aí passam a maior parte do tempo, apontado como primeiro lugar; como segundo lugar, estes mesmos espaços foram apontados por cerca de 30%, porém mais de um terço (37,1%) não respondeu. Em terceiro lugar, mais de dois terços não responderam e os locais se repetem com exceção das Casas de Convivência que aparecem nas escolhas em segundo e terceiro lugar um percentual relativamente alto comparando-se com os demais locais.

Em relação a 2007, percebe-se algumas alterações sem que se possa constatar alguma tendência por busca de locais mais protegidos. As praças e parques que acolhiam 31,9% em 2007 agora acolhem 21%. O perambular pelas ruas aumentou de 17,5% para 30,1% nesse período. Este dado pode estar revelando um maior controle e coerção à sua permanência nas praças e parques, deslocando-os para espaços ainda menos seguros e de maior risco que são as ruas. Os serviços de atendimento oferecidos pela FASC permanecem estáveis na comparação entre os dois estudos, em percentuais. A permanência em lugares de trabalho aumentou significativamente, de 5,2% em 2007 para 13,1% em 2011.

TABELA 20 - Lugares em que passa bastante tempo durante o dia - 2011 (1º, 2º lugar e 3º lugar)

Lugares em que passa bastante tempo	1º lugar		2º lugar		3º lugar	
	Freq*	%	Freq*	%	Freq*	%
Praças / parques	284	21,0	150	11,2	59	4,4
Marquise	15	1,1	25	1,9	9	0,7
Ponte/Vadutos	30	2,2	34	2,5	15	1,1
Beira do rio	19	1,4	15	1,1	9	0,7
Sinaleira	9	0,7	8	0,6	1	0,1
Estacionamento	30	2,2	10	0,8	9	0,7
Rodoviária	12	0,9	8	0,6	9	0,7
Ponto de ônibus / Terminal de ônibus	19	1,4	7	0,5	7	0,5
Em frente a comércio	18	1,3	48	3,6	28	2,1
Pelas ruas / perambulando	406	30,1	205	15,2	74	5,5
Casas de conveniência/abrigos	110	8,2	87	6,5	43	3,2
Tele-centros	9	0,7	9	0,7	---	---
Outro	11	,8	23	1,7	25	1,9
Calçadas/Calçadão	64	4,7	63	4,7	36	2,7
Trabalhando	177	13,1	39	2,9	8	0,6
Biblioteca	4	0,3	4	0,3	4	0,3
Colégio/Escola/Curso	7	0,5	---	---	---	---
Igreja	12	0,9	4	0,3	---	---
Boca de tráfico	3	0,2	---	---	---	---
Casa de amigos ou parentes	7	0,5	7	0,5	3	0,2
CAPS	8	0,6	3	0,2	1	0,1
Abrigo	1	0,1	---	---	---	---
Jogando bola	1	0,1	---	---	---	---
Bar	3	0,2	---	---	---	---
Hospital	1	0,1	5	0,4	---	---
Lar Renascer do Amor	1	0,1	---	---	---	---
Galpão	1	0,1	---	---	---	---
Guaíba	1	0,1	---	---	---	---
Cancha	1	0,1	---	---	---	---
Acampado em banca	1	0,1	---	---	---	---
Harmonia	1	0,1	---	---	---	---
Em sua casa	3	0,2	1	0,1	---	---
Aeroporto	1	0,1	1	0,1	---	---
Terreno	1	0,1	3	0,2	---	---
Mercado	1	0,1	---	---	---	---
Casa de Cultura Mário Quintana	1	0,1	1	0,1	---	---
Shopping	1	0,1	3	0,2	---	---
Hotel	1	0,1	---	---	1	0,1
Bandejão	3	0,2	---	---	1	0,1
Cidade Baixa	1	0,1	---	---	---	---
Procurando emprego	1	0,1	1	0,1	1	0,1
Centro	1	0,1	1	0,1	---	---
Vila dos papeiros	1	0,1	---	---	---	---
Cais mental ????????????	1	0,1	---	---	---	---
Ministério Público	1	0,1	---	---	---	---
Depósito	1	0,1	---	---	---	---
Cruz Vermelha	1	0,1	1	0,1	---	---
Sumiço	1	0,1	---	---	---	---
Boca de Rua	1	0,1	---	---	---	---
Gasômetro	---	---	1	0,1	---	---
Albergues	---	---	1	0,1	1	0,1
Restaurante popular	---	---	1	0,1	1	0,1
Pensão	---	---	3	0,2	---	---
Em frente à obra	---	---	1	0,1	---	---
Pedindo	---	---	3	0,2	---	---
Mato	---	---	1	0,1	---	---
Andando de ônibus	---	---	1	0,1	---	---
Sombra	---	---	1	0,1	---	---
Descansando na rua	---	---	1	0,1	---	---
Escola aberta	---	---	1	0,1	---	---

Fisioterapia	---	---	1	0,1	---	---
Médico	---	---	1	0,1	---	---
Oficinas	---	---	1	0,1	---	---
GAPA	---	---	---	---	1	0,1
Respondeu apenas um lugar	---	---	501	37,1	---	---
Respondeu apenas dois lugar	---	---	---	---	940	69,7
NR	59	4,4	62	4,6	61	4,5
<b>Total</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>	<b>1347</b>	<b>100</b>

Fonte: Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011.

\*Frequências estimadas com base em 1054 entrevistados

### 4.3 Documentos e Relação com Instituições

A população pesquisada apresenta índices altos de não documentação e pode-se referir que à sua invisibilidade em pesquisas censitárias de cadastramento de populações, como as pesquisas do IBGE. Adiciona-se uma invisibilidade dessas pessoas no que se refere aos documentos de registro diversos, tais como carteira de identidade, que 36,8% dos entrevistados disse não possuir, CPF, não possuído por 43,4% das pessoas investigadas e título do eleitor, que 53,1% não possui. Ainda é pequeno o percentual de pessoas que assinalaram possuir o cartão do SUS (32,8%) e o CAD Único (23%), como se pode notar na tabela que segue:

**TABELA 21 – Documentos que o entrevistado possui - 2011**

<i>Documentos</i>	<i>Sim</i>		<i>Não</i>		<i>NS/NR</i>		<i>Total</i>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq*</i>	<i>%</i>
Carteira de Identidade	798	59,3	496	36,8	53	3,9	1347	100
CPF	707	52,5	586	43,5	54	4,0	1347	100
Carteira de trabalho	597	44,3	695	51,6	55	4,1	1347	100
Título de eleitor	575	42,7	715	53,1	57	4,2	1347	100
Certidão de nascimento/casamento	775	57,6	515	38,2	57	4,2	1347	100
Cartão SUS	442	32,8	843	62,5	62	4,6	1347	100
CAD Único	310	23,0	963	71,5	74	5,5	1347	100

Fonte: Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011.

\*Frequências estimadas com base em 1054 entrevistados

Quando se compara os dados da pesquisa de 2007, entretanto, fica evidente uma maior posse desses documentos no ano de 2011, demonstrando um aspecto positivo de maior documentação dessa população no momento atual em relação ao precedente e mostrando os efeitos das políticas de atendimento empregadas em relação a essa população, bem como os efeitos indiretos de políticas públicas variadas que exigem a documentação como forma de acesso. Nesse sentido, chama a atenção o acréscimo significativo de pessoas com carteira de trabalho: de 36,1% em 2007 para 44,3% em 2011; CPF: de 41,3% em 2007 para 52,5% em 2011 e carteira de identidade: de 50% em 2007 para 59,3% em 2011. Veja-se a tabela da pesquisa de 2007, para fins comparativos:

**TABELA 22 – Documentos que o entrevistado possui - 2007**

<i>Documentos</i>	<i>Sim</i>		<i>Não</i>		<i>NS/NR</i>		<i>Total</i>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>
Carteira de Identidade	601	50,0	531	44,1	71	5,9	1203	100
CPF	497	41,3	638	53,0	68	5,7	1203	100
Carteira de trabalho	434	36,1	697	57,9	72	6,0	1203	100
Título de eleitor	445	37,0	685	56,9	73	6,1	1203	100
Certidão de nascimento/casamento	639	53,1	489	40,6	75	6,2	1203	100

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2007.

É importante referir que os itens: “cartão SUS” e “CAD Único” não foram incluídos como opções na pesquisa de 2007. Da mesma forma, a questão sobre os serviços que o entrevistado acessou foi introduzida no questionário cadastral apenas na pesquisa atual, em função do interesse em se dimensionar o acesso da população pesquisada dos novos serviços de CREAS e CRAS, bem como o acesso às casas de convivência. A pesquisa mostrou que apenas 23% da população investigada disse já ter acessado o CRAS e 26% afirmou ter acessado o CREAS. As casas de convivência, por outro lado, foram mencionadas por 56,1% dos pesquisados.

**TABELA 23 — Serviços que o entrevistado acessou - 2011**

<i>Serviços</i>	<i>Sim</i>		<i>Não</i>		<i>NR</i>		<i>Total</i>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq*</i>	<i>%</i>
CRAS	310	23,0	940	69,8	97	7,2	1347	100
CREAS	175	13,0	1067	79,2	105	7,8	1347	100
Casa de Convivência	755	56,1	507	37,7	85	6,3	1347	100

Fonte: Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011.

\*Frequências estimadas com base em 1054 entrevistados

#### 4.4. Saúde

A percepção da doença e a leitura de sintomas de sua manifestação e diagnóstico fundem dimensões sociais, psicológicas e comportamentais. Sabe-se que saúde não pode ser simplesmente entendida como não-doença. De outro lado, o processo do adoecimento não pode ser entendido, simplesmente, como um percurso linear que objetivamente corresponde um conjunto de sintomas com a produção de um diagnóstico. Isso seria desconsiderar a construção social da doença, constituição que se realiza no interjogo entre os agentes e suas condições de existência e conjunto de seus relacionamentos sociais. Para os dados levantados nessa pesquisa, essas observações importam para se destacar que, diferentemente de uma construção de uma atribuição externa da doença – como pertinente à prática do diagnóstico – tratou-se aqui de investigar as percepções das pessoas estudadas acerca de perturbações físico-morais que se convencionou chamar de “doença”, por influência do modelo biomédico (DUARTE, 1986).

Da mesma forma que no Estudo de 2007 (UFRGS, 2008), de forma a expandir a pesquisa para perturbações diversas que pudessem interferir na percepção de bem-estar dos entrevistados,

conjugou-se a expressão “doença” com “problemas”. A idéia de trabalhar com uma concepção ampla de saúde que ligue esse elemento à totalidade das pessoas e suas formas de existência, não reduzindo as perturbações físico-morais à conceituação médica, embora levando em conta sua influência na configuração dos processos físico-morais.

#### **4.4.1 Doenças e/ou Problemas que os Entrevistados Possuem**

Com um enunciado simples: “Agora vou listar algumas doenças ou problemas de saúde, me diga, por favor, se tem ou não”, todos os adultos em situação de rua participantes da pesquisa foram interrogados acerca da presença de um conjunto de problemas e/ou doenças. As respostas demonstraram que, entre as doenças e/ou problemas encontrados, os dois primeiros são a “dependência química/álcool” e as doenças/problemas “nos dentes”, ambos com o mesmo percentual de 49,6%. Há um pequeno crescimento de 9,6% das respostas nesses itens, quando se compara as respostas da pesquisa realizada em 2007 (LABORS/UFRGS), que encontrou para cada uma das categorias destacadas anteriormente o mesmo percentual de 40,1%, sendo tais categorias as mais referidas também pelos entrevistados de 2007. Note-se que a maior variação nas respostas em relação à pesquisa de 2007 deu-se exatamente nessas duas categorias citadas, uma vez que nas demais opções não houve nenhuma variação significativa em relação à pesquisa anterior. Mostra-se com isso uma percepção das doenças/problemas em questão para um contingente maior de pessoas em situação de rua; praticamente a metade do grupo pesquisado se percebe como atingido por tais problemáticas, o que é extremamente importante em termos de diagnósticas de problemas a serem administrados.

Como a terceira categoria mais citada, temos as “dores no corpo”, com 41,4%, expressão de problemas difusos e não diagnosticados, mas que, não obstante, estão presentes com grande incidência nessa população. Esses elementos pertinentes às dores difusas podem demonstrar dificuldade de acesso ao tratamento especializado de saúde e/ou complicações no reconhecimento das sensações corporais através de classificações médicas especializadas, provavelmente evocadas pela permanência de problemas de saúde não assistidos. Na pesquisa de 2007 essa categoria também foi a terceira opção mais freqüente entre os entrevistados, tendo sido responsável por 37,2%, o que demonstra também o crescimento do percentual de pessoas que se considera atingido por tal problemática

Percentual alto também foi encontrado na categoria “doença mental / psiquiátrica / psicológica / depressão / dos nervos / da cabeça” (33,1%), que cresceu menos de 3% em relação à pesquisa de 2007 (30,7%). Tal como já se observou na pesquisa anterior, essa categoria deve ser analisada com cuidado, uma vez que, tal como as demais opções citadas, não correspondem a uma descrição objetiva de doença, que deve ser constituída somente a partir de um diagnóstico médico preciso.

Mesmo assim, essa e as demais informações coletadas sobre doenças ou problemas percebidos pelos entrevistados são expressões relevantes de sofrimento das pessoas estudadas e elementos importantes para se entender a dimensão subjetiva da construção de um problema/doença particular, constituído a partir da totalidade das experiências sociais das pessoas entrevistadas. Veja-se a tabela com as informações coletadas:

**TABELA 24 – Doenças e/ou problemas que o entrevistado possui - 2011**

<i>Doenças/problemas</i>	<i>Tem</i>		<i>Não tem</i>		<i>NR</i>		<i>Total</i>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq*</i>	<i>%</i>
Doenças de pele	155	11,5	1109	82,4	83	6,2	1347	100
DST	105	7,8	1160	86,1	82	6,1	1347	100
HIV / AIDS	139	10,3	1119	83,1	88	6,5	1347	100
Doença mental / Psiquiátrica / Psicológica / Depressão / Dos nervos / Da cabeça	446	33,1	820	60,9	81	6,0	1347	100
Dependência química / Alcool	668	49,6	595	44,1	85	6,3	1347	100
Doenças respiratórias / Asma	273	20,3	986	73,1	88	6,5	1347	100
Tuberculose	75	5,6	1178	87,4	94	7,0	1347	100
Diabetes	62	4,6	1192	88,5	93	6,9	1347	100
Hepatite	109	8,1	1142	84,8	96	7,1	1347	100
Doença cardíaca	131	9,7	1123	83,4	93	6,9	1347	100
Dores no corpo	557	41,4	690	51,2	100	7,4	1347	100
Pressão alta	322	23,9	928	68,8	98	7,3	1347	100
Nos dentes	667	49,5	587	43,5	93	6,9	1347	100
Deficiência física	141	10,5	1104	81,9	102	7,6	1347	100
Com atadura/tala/gesso	42	3,1	1157	85,9	148	11,0	1347	100

Fonte: Pesquisa Perfil e Mundo dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2007.

\*Frequências estimadas com base em 1054 entrevistados

#### 4.4.2 Produtos que os Entrevistados Consomem

O alto percentual da categoria “dependência química/álcool”, a mais citada como problema/doença juntamente com problema “nos dentes”, abarcando 49,6% de respostas, incita à interrogação acerca dos produtos consumidos pelos entrevistados. Nesse item, o produto mais consumido é o cigarro, utilizado todos os dias por 58,8% dos entrevistados e 8,8% de vez em quando. Em segundo lugar destaca-se o uso de bebida alcoólica, a qual 26,9% dos pesquisados afirmou consumir todos os dias e 29,5% dos entrevistados disse utilizar de vez em quando. Mais de um terço dos entrevistados - 37,7% - disse não utilizar esse produto. A opção “medicamentos (xaropes, calmantes ou analgésicos)” foi a terceira mais freqüente no que se refere ao uso diário, tendo sido respondida por 16,3% dos entrevistados e tendo ainda o percentual de 19,7% de uso “de vez em quando”.

Heroína, álcool medicinal e cocaína foram os produtos que as pessoas pesquisadas disseram menos consumir, sendo que o percentual dos que não usam tais produtos ultrapassa 80% em todos esses casos. Há que se levar em conta o alto custo da cocaína e heroína como constrangedores para o uso, no grupo pesquisado. Maconha e craque tiveram o percentual do não-uso na faixa de 50% a 60% das pessoas, o que pode ser considerado alto, se compararmos a visibilidade que a

questão do uso de produtos alcança na configuração dos elementos discursivos definidores da imagem dessa população para a maior parte dos domiciliados e até mesmo para algumas pessoas em situação de rua. Há que se considerar, entretanto, os limites metodológicos da pesquisa, que trabalhou com o cadastro e questionário estruturado de questões, não possibilitando a criação do estabelecimento de uma relação de confiança durável entre pesquisador e pesquisado, o que pode ter constringido as respostas nesse quesito. Há que recordar também que 7,3% das pessoas a serem investigadas se encontrava dormindo no momento da pesquisa e, potencialmente, poderiam acrescer o número de usuários dessas substâncias. Em todo o caso, 14,6% do grupo pesquisado disse utilizar a maconha todos os dias e 19,2% destacou fazer uso dessa substância “de vez em quando”. Quanto ao craque, 12,8% disse usá-lo diariamente e 15% “de vez em quando”. Esses dados não apresentaram diferenças significativas quando comparados com a pesquisa realizada pelo LABORS/UFRGS em 2007. A tabela que segue contribui na visibilidade dos dados levantados:

**TABELA 25 – Consumo de produtos que podem ser prejudiciais à saúde – 2011**

<i>Produtos</i>	<i>Todos os dias</i>		<i>De vez em quando</i>		<i>Não usa</i>		<i>NR</i>		<i>Total</i>	
	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>	<i>Freq</i>	<i>%</i>
Medicamentos (xaropes, calmantes ou analgésicos)	219	16,3	265	19,7	779	57,7	84	6,3	1347	100
Maconha (verde, pau podre, beck, baseado...)	196	14,6	258	19,2	807	59,9	86	6,4	1347	100
Bebida alcóolica (cachaça, cerveja, uísque...)	362	26,9	397	29,5	508	37,7	81	6,0	1347	100
Craque (pedra, brita, diaba...)	172	12,8	202	15,0	889	65,9	84	6,3	1347	100
Cocaína (pó)	35	2,6	89	6,6	1126	83,6	97	7,2	1347	100
Cigarro	792	58,8	119	8,8	350	26,0	86	6,4	1347	100
Heroína	5	0,4	23	1,7	1226	91,0	93	6,9	1347	100
Alcool medicinal	2	0,2	38	2,8	1186	88,0	121	9,0	1347	100

Fonte: Cadastro dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre, 2011.

\*Frequências estimadas com base em 1054 entrevistados



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade da realização de uma pesquisa tal como a que foi realizada, que teve por objetivo recensear a população em situação de rua em Porto Alegre durante os dias de 13 a 21 de dezembro, manifestou-se principalmente em relação a três variáveis que aqui importa destacar e avaliar, entendendo-se a pesquisa como um processo que não se encerra nesse relatório:

- As condições de vida desse conjunto heterogêneo de pessoas, caracterizada pela não fixação (mesmo que situacional ou intermitente), precariedade e violência: tais condições tornaram as aproximações de pesquisa delicadas por vários motivos: as equipes de pesquisa, em alguns casos, foram confundidas com meios e instrumentos policiais de controle e higienização, o que se justifica por uma vida cotidiana desse grupo de pessoas a ser investigado na qual uma rotina da violência e desrespeito se faz presente; requisitaram constantemente habilidade e experiência da parte dos pesquisadores porque exigiram o estabelecimento de uma confiança entre pesquisador e pesquisado em período curto de tempo.

- As caracterizações metodológicas dessa pesquisa, próprias de pesquisas censitárias: as quais implicam certa construção totalizante que fornece um retrato importante para a formulação de políticas de intervenção e reflexões gerais sobre o grupo pesquisado, mas que também implicam certo grau de objetivação e simplificação de processos individuais de vida que, na singularidade de cada uma das vidas dos entrevistados, possuem matizes e sentidos complexos, impossíveis de serem captados em pesquisa dessa natureza. Isto implica a necessidade de contínuas reflexões em torno do assunto e o incentivo a programas e projetos, bem como outras pesquisas que trabalhem qualitativamente com a problemática em questão;

- A execução de uma pesquisa participativa que envolveu diferentes instituições e profissionais de variadas formações e distintas formas de experiência em pesquisa: que foi, na verdade, o maior desafio e o produto mais importante de toda essa experiência de trabalho, na medida em que possibilitou aprendizados mútuos. Tal característica participativa chamou a atenção para o fato de que as pesquisas podem ser feitas fora da universidade e que a universidade não pode se distanciar das questões públicas prementes de discussão e reflexão qualificada. Do ponto de vista dos pesquisadores de campo, foi percebido em reunião avaliativa pós-trabalho de campo que, embora extremamente complexa, a pesquisa enriqueceu pessoal e academicamente a todos. A maior parte dos relatos dos entrevistadores e supervisores de campo apontou uma experiência de trabalho eminentemente transformadora: pessoal, acadêmica e também tanto do ponto de vista da formulação de imagens mais realistas e condizentes com as pessoas que tiveram oportunidade de

entrevistar. A quebra de estigmas, do medo e preconceito foi um produto que entrevistadores e supervisores mais enfatizaram em seus relatos avaliativos, o que conduz ao entendimento da pesquisa como um processo multidimensional que não se esgota nos dados apresentados, tendo portanto, muitos efeitos no cotidiano das intervenções públicas.

No mesmo sentido, avalia-se que a experiência da pesquisa foi extremamente produtiva, tanto pelo seu processo de trabalho, como pelos dados que, em condições complexas, puderam ser construídos. No que se refere a isso, temos algumas questões que podem ser aqui retomadas no sentido de possibilitar reflexões apuradas para o cotidiano institucional:

Em relação ao gênero ou sexo, o estudo revelou uma relativa estabilidade na relação com os dados de 2007, com 17,1% feminino. Os nascidos em Porto Alegre constituem metade (49,95) e um terço veio do que chamamos Interior do Estado.

Percebe-se um fluxo migratório bastante significativo entre essa população. Metade veio de outras cidades, a maior parte do Interior do RS. Mesmo os que nasceram em Porto Alegre, possuem trajetória migratória, pois 30% informou não terem vivido sempre na cidade.

Em relação às faixas etárias, percebe-se uma tendência clara de diminuição dos mais jovens e aumento dos mais idosos. Provavelmente se deve às políticas de atendimento nestas duas pontas e à expansão de ofertas de trabalhos para os mais jovens.

Mudança importante também se verifica na distribuição territorial, diminuindo a permanência nas praças e parques e aumentando quase na mesma proporção a permanência na perambulância pelas ruas. Isto significa exposição maior a riscos e a inseguranças. No entanto, permanece forte concentração no centro da cidade e seus arredores.

Os dados mostram um processo permanente de reprodução dessa população. Cotidianamente ingressam e saem pessoas. Há alternância e situações transitórias, não sendo possível concluir se a tendência é aumentar ou diminuir nos próximos anos em se mantendo as condições atuais. Dessa forma, não se percebe ciclo involutivo na população adulta em situação de rua em Porto Alegre.

- É perceptível uma diversificação na ocupação da cidade pela população em situação de rua, sem “descentralização”: com a instalação de CREAS E CRAS, bem como a abordagem social de rua descentralizada, parece haver uma incidência de população em situação de ruas em pontos variados da cidade, sem, entretanto, haver uma diminuição significativa na concentração da população na região Centro, articuladora de uma série de atrativos, tais como serviços e equipamentos para a população em situação de rua e comércio e circulação de pessoas. Saliencia-se que a diversificação na ocupação da cidade pode dar a idéia de um crescimento da população em situação de rua muito maior do que àquele apresentado nos dados da pesquisa, uma vez que

peças em situação de rua aparecem em locais não anteriormente ocupados. Entretanto, o crescimento populacional apresentado não está em desacordo com o aumento das próprias políticas destinadas ao seu atendimento, com a expansão dos movimentos políticos representativos da população em situação de rua e com o próprio refinamento da metodologia da pesquisa, em acordo com um mapeamento dos locais de maior concentração dessa população feito tendo por fonte a experiência de trabalho de cerca de um ano de trabalho das equipes da abordagem social de rua funcionando de forma descentralizada.

- É perceptível um aumento na posse de documentos na população de pessoas investigadas: fundamentalmente a carteira de trabalho, o CPF e a carteira de identidade, mostrando a eficácia das políticas cotidianas de enfrentamento a essa questão – uma das mais graves apontadas na pesquisa realizada em 2007 (UFRGS, 2008) - e indiretamente de políticas variadas que exigem, para a inserção da pessoa, a posse de certos documentos. Vale salientar, entretanto, que o trabalho de produção da documentação das pessoas em situação de rua ainda deve ser aprimorado, pois embora tenhamos um acréscimo de documentação, temos ainda um contingente significativo de pessoas que por motivos diversos – condições de vida, recusa de identificação, falta de proteção institucional – acabam ficando em situações de invisibilidade no que se refere à documentação oficial da cidadania;

- Os dados sobre o uso de serviços mostraram um pequeno uso de CREAS e CRAS: destacando a necessidade de um maior trabalho institucional na publicização e encaminhamento da população para esses atendimentos descentralizados, considerados ainda muito recentes na cidade em função da implementação do Sistema Único da assistência Social-SUAS. A concentração da população em situação de rua no Centro de Porto Alegre também é condizente ainda com o baixo uso desses serviços descentralizados na cidade e da necessidade de implantação de demais serviços especializados de atendimento das diversas áreas.

-Alta percepção da presença de doenças/problemas de saúde: é uma problemática que chamou a atenção, uma vez que as duas opções mais citadas - “dependência química/ álcool” e as doenças /problemas “nos dentes” – foram informadas por praticamente metade da população pesquisada (49,6%), tendo um acréscimo de cerca de 10% de população que informou tais opções em relação à pesquisa de 2007 (UFRGS, 2008). A terceira opção mais citada - “doença mental / psiquiátrica / psicológica / depressão / dos nervos / da cabeça” (33,1%) – também cresceu seu percentual, demonstrando que é urgente uma maior intervenção da política de saúde mental pública em tais problemáticas, expressão das condições de vulnerabilidade, violência e sofrimento a qual essa população está sujeita.

Todas essas observações acima apontam a necessidade de um trabalho e engajamento contínuo e sério em direção à população em situação de rua. Fundamental para tal engajamento e seriedade, entretanto, é não apenas a articulação com estudiosos e pesquisadores do tema, mas com o conjunto de profissionais que trabalham em espaços diversos do atendimento e das próprias pessoas atendidas e que estão, mesmo situacionalmente, em situação de rua. Entende-se que a exploração das experiências, a análise das práticas e a ampliação de horizontes proveniente do estudo, de outras experiências de trabalho e de obras conceituais/ teóricas sobre o assunto é imprescindível para a formulação de políticas realistas e em acordo com as lógicas e expectativas das pessoas que lhes estão sujeitas, condições de possibilidade de transformação das realidades contemporâneas e exploração de um mundo menos marcado por estruturas diversas de desigualdade e dominação.

Sendo assim, o presente Estudo cumpre com sua intenção de subsídio a execução das ações e políticas intersetoriais públicas de atendimento à população em situação de rua, previstas no Plano Municipal de Enfrentamento à Situação de Rua na cidade de Porto Alegre. A participação dos diversos atores envolvidos nesse processo foi importante e necessária para o fechamento dessa etapa. Destaca-se, por fim, o protagonismo dos próprios sujeitos que se encontram ainda nessa situação de rua dando visibilidade a suas experiências e contribuições e cumprindo com um dos eixos estruturantes da Política Nacional de Assistência Social em vigência, que é o desafio da participação do usuário no Sistema Único da Assistência Social.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. RJ, Bertrand Brasil, 1989.
- COSTA, Júlio Caetano. *Cinema e Morador de Rua: buscando estratégias de resistência*. POA, Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional, 2006 (mimeo), 77p.
- GEHLEN, Ivaldo; SILVA, Simone Ritta e BORBA, Marta (Org.). *Diversidade e Proteção Social: estudos quanti-qualitativos das populações de Porto Alegre: afro-brasileiros; crianças, adolescentes e adultos em situação de rua; coletivos indígenas; remanescentes de quilombos*. POA, Century, 2008, p. 13-30.
- GUISARD, Luís Augusto De Mola. O bugre, um João-Ninguém: um personagem brasileiro São Paulo Perspec. vol.13 no.4 São Paulo Oct./Dec. 1999.
- KASPER, Christian Pierre. *Habitar a Rua*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Doutorado em Ciências Sociais da UNICAMP. Campinas, 2006, 239 p (mimeo).
- MAGNI, Claudia. *Nomadismo Urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre*. POA, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1994 (mimeo).
- PERROT, Michele. *Os Excluídos: operários, mulheres e prisioneiros*. SP, Companhia das Letras, 1988.
- PIZZATO, Rejane M. S. *No olho da Rua: o serviço de atendimento social de rua em Porto Alegre. Abordagem social de rua na sociedade contemporânea*. POA, dissertação de mestrado em Serviço Social da PUCRS, 2011 (mimeo).
- ROSA, Cleiza Moreno Maffei. *Vidas de Rua*. SP, Editora Hucitec/Rede Rua, 2005.
- SCHUCH, Patrice et all. "População em Situação de Rua: conceitos e perspectivas fundamentais". In: GEHLEN, Ivaldo; SILVA, Simone Ritta e BORBA, Marta (Org.). *Diversidade e Proteção Social: estudos quanti-qualitativos das populações de Porto Alegre: afro-brasileiros; crianças, adolescentes e adultos em situação de rua; coletivos indígenas; remanescentes de quilombos*. POA, Century, 2008, p. 13-30.
- SCHUCH, Patrice. "Aproximações com as Pessoas em Situação de Rua". In: UFRGS/LABORS. *Relatório I de Pesquisa*. POA, UFRGS, 2007 (mimeo).
- SCOTT, James. *Seeing Like a State. How Certain Schemes to Improve the Human Condition Have Failed*. New Haven and London, Yale University Press, 1998.
- SCOTT, James. *The Art of Not Being Governed. An Anarquist History of Upland Southeast Asia*. New Haven and London, Yale University Press, 2009.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Relatório final da pesquisa: Cadastro de Adultos em Situação de Rua e Estudo do Mundo da População Adulta em Situação de Rua de Porto Alegre. POA, 2008 (mimeo).
- VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos e ROSA, Cleiza Maria Maffei. *População de Rua: quem é, com quem vive, como é vista*. SP, Hucitec, 1992.

## 7 APENDICES

## APENDICE 1: INSTRUMENTO DE PESQUISA

N Logo fasc

Logo pmpa

*Cadastro Censitário dos Adultos em Situação de Rua de Porto Alegre***FICHA CADASTRAL ADULTOS**Número: 

Data: |\_\_| |\_\_| || \_\_| |\_\_| | 2011

Entrevistador: Supervisor: Informante: 1.  O próprio 2.  Amigo(a) 3.  Pai / Mãe 4.  Irmãos 5.  Companheiro(a) 6.  Outro. Quem?  
Dia da semana: 1.  Domingo 2.  Segunda 3.  Terça 4.  Quarta 5.  Quinta 6.  Sexta 7.  SábadoTurno: 1.  Manhã (entre 06h e 12h) 2.  Tarde (Entre 12h e 18h) 3.  Noite (Entre 18h e 24h) 4.  Madrugada (Entre 24h e 06h)*I – LOCAL DA ENTREVISTA*Bairro:  Região OP: Rua/Praça:  N° Ponto de referência: *II – IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO*Nome (sem abreviações): Apelido:  Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Idade: Nome da mãe (sem abreviações):

**III – DADOS PESSOAIS****1. Sexo**

1. <input type="checkbox"/> Masculino	2. <input type="checkbox"/> Feminino <i>(Anotar sem perguntar)</i>
---------------------------------------	--

**2. Onde nasceu?**

1.  POA
2.  Região Metropolitana *(Passe para a questão 4)*
3.  Interior do estado *(Passe para a questão 4)*
4.  Outro estado *(Passe para a questão 4)*
5.  Outro país. Qual? \_\_\_\_\_ *(Passe para a questão 4)*

**3. Sempre morou em Porto Alegre?**

1. <input type="checkbox"/> Sim <i>(Passe para a questão 6)</i>	2. <input type="checkbox"/> Não
---	---------------------------------

**4. Onde morava antes de vir a Porto Alegre?**

1.  Região Metropolitana
2.  Interior do estado
3.  Outro estado
4.  Outro país

**5. Há quanto tempo vive em Porto Alegre?**

1.  Há menos de 01 ano
2.  Entre 01 e 05 anos
3.  Entre 05 e 10 anos
4.  Entre 10 e 20 anos
5.  Mais de 20 anos

**6. Há quanto tempo está em situação de rua?**

1.  Há menos de 01 ano
2.  Entre 01 e 05 anos
3.  Entre 05 e 10 anos
4.  Entre 10 e 20 anos
5.  Mais de 20 anos

**7. Vou listar alguns documentos, me diga, por favor, quais você possui:**

Documentos	1. Sim	2. Não
Carteira de Identidade		
CPF		
Carteira de trabalho		
Título de eleitor		
Certidão de Nascimento/casamento		
Cartão SUS		
CAD Único		

**8. Sabe ler e escrever?**

1.  Sim, sei ler e escrever
2.  Apenas escrever o nome *(Anotar alternativa 1 na questão 9)*
3.  Não sei ler nem escrever *(Anotar alternativa 1 na questão 9)*

**9. Foi à escola até que série? *(Última série concluída)***

1.  Analfabeto
2.  Ensino Fundamental incompleto
3.  Ensino Fundamental completo
4.  Ensino Médio incompleto
5.  Ensino Médio completo
6.  Ensino Superior incompleto
7.  Ensino Superior completo
8.  Pós-Graduação

**10. Qual o local onde dorme com mais frequência?** *(Não ler as alternativas, marcar apenas uma resposta)*

1.  Praças / parques / praças
2.  Pontes/viadutos
3.  Casas e prédios abandonados/mocós
4.  Calçadas / Calçadão
5.  Hotéis/ Pensão
6.  Albergue
7.  Abrigo
8.  Em minha casa
9.  Na casa de amigos/parentes
10.  Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**11. Quais os lugares em que passas bastante tempo durante o dia?** *(Não ler as alternativas, marcar o 1º, 2º e 3º lugares)*

Lugares	1º	2º	3º
1. Praças / parques			
2. Marquise			
3. Ponte/viadutos			
4. Beira do rio			
5. Sinaleira			
6. Estacionamento			
7. Rodoviária			
8. Ponto do ônibus / Terminal de ônibus			
8. Calçadas / Calçadão			
9. Em frente a comércio			
10. Pelas ruas / perambulando			
11. Casas de conveniência/abrigos			
12. Tele-centros			
13. Outro. Especifique:			

**12. O que faz principalmente para sobreviver?** *(Não ler as alternativas, marcar apenas uma resposta)*

1.  Construção civil/pedreiro/ pintor
2.  Lava/guarda carros/flanelinha
3.  Carga e descarga
4.  Vendedor (doces, frutas, amendoim, flores, jornais)
5.  Catador de materiais recicláveis
6.  Distribui panfletos
7.  Limpeza/faxina
8.  Faz programas/ Prostituição
9.  Reciclagem
10.  Pede/achaca
11.  Jardinagem
12.  Outro. Qual? \_\_\_\_\_



**13. Agora vou listar algumas doenças ou problemas de saúde, me diga, por favor, se tem ou não:** *(Leia cada uma das doenças e anote)*

Doenças	1. Sim	2. Não
Doenças de pele		
DST		
HIV / AIDS		
Doença mental / Psiquiátrica / Psicológica / Depressão / Dos nervos / Da cabeça		
Dependência química / Álcool		
Doenças respiratórias/ Asma		
Tuberculose		
Diabetes		
Hepatite		
Doença cardíaca/Sofre do coração		
Dores no corpo		
Pressão alta		
Nos dentes		
Deficiência Física		
Com atadura/ tala/ gesso		
Outra. Qual?		

**14. Qual é a sua orientação sexual?**

1.  Heterossexual                      4.  Transexual  
 2.  Homossexual (Gay, lésbica)    5.  Bissexual  
 3.  Travesti

**15. Agora vou listar alguns produtos, me diga, por favor, se usa ou consome alguns algum deles:** *(Leia cada um dos produtos e anote)*

Produtos	1. Todos os dias	2. De vez em quando	3. Não usa
Medicamentos (xaropes, calmantes ou analgésicos)			
Maconha (verde, pau podre, beck, baseado)			
Bebida alcoólica (cachaça, cerveja, uísque)			
Craque (pedra, brita, diaba)			
Cocaína (pó)			
Cigarro			
Heroína			
Álcool medicinal			

**16. Você acessa ou já acessou algum(ns) desses serviços?**

SERVIÇOS	1. Sim	2. Não
CRAS		
CREAS		
Casa de Convivência		

**17. Qual a sua raça / cor? (Marque com um X em cada coluna)**

Raça / Cor	Atribuída pelo entrevistador	Auto definida (não ler as opções)
1. Branca		
2. Negro/Preta		
3. Parda		
4. Amarela		
5. Indígena		
6. Outra. Qual?		

**Anote sem perguntar:**

**18. O entrevistado:**

1.  Apresentava sinais de alcoolismo ou drogadição (associação entre o cheiro de álcool, porte de bebida/drogas, confusão ou lentidão na fala).
2.  Estava dormindo
3.  Apresentava sinais de desorientação mental e/ou comportamental (encontrava-se falando sozinho, tinha uma fala desconexa, nudez, incapacidade de falar, letargia ou agitação excessiva)
4.  Apresentava comportamento agressivo e/ou hostil ao entrevistador.
5.  Negou-se a responder a pesquisa.
6.  Encontrava-se em plenas condições de responder as perguntas, compreendendo-as, sem sintomas de alteração comportamental/psicológica

**19. Em relação ao contexto social onde se encontrava o entrevistado, pode-se perceber que ele estava:**

1.  Isolado / Sozinho
2.  Com outros adultos em situação de rua
3.  Com outros adultos, jovens e crianças em situação de rua
4.  Com jovens e crianças em situação de rua
5.  Com a família

**20. Em relação ao contexto territorial, o entrevistado encontrava-se:**

1.  Instalado/acampado em lugar público
2.  Instalado/acampado em lugar privado
3.  Descansando/dormindo sem estar acampado
4.  Em trânsito/trabalhando
5.  Albergue/Casa de Convivência/Abrigo
6.  Perambulando

**Agradeça a entrevista!**

Apendice 2: MANUAL DO ENTREVISTADOR



**PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE  
FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E CIDADANIA**

**Manual do Entrevistador  
2011**

**CADASTRO CENSITÁRIO DA POPULAÇÃO  
ADULTA DE RUA DA CIDADE DE PORTO  
ALEGRE**

**PORTO ALEGRE, DEZEMBRO DE 2011**

## POSTURA DO ENTREVISTADOR E APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Este manual foca principalmente a relação do entrevistador com o entrevistado, realçando questões éticas e culturais. As orientações específicas sobre o instrumento de pesquisa, a interpretação a ser dada às questões e respostas, assim como aos procedimentos operativos, serão explicitadas no treinamento dos entrevistadores.

A abordagem junto aos entrevistados constitui-se num “evento”: um momento privilegiado de relação entre pessoas que, provavelmente, não se conhecem e que pertencem a realidades sociais, econômicas e culturais diferentes. Dessa maneira, é necessário criar um clima de respeito, escuta e abertura ao outro, de modo a percebê-lo em sua singularidade e complexidade.

Propõe-se uma abordagem que, para além das respostas que interessam a esta pesquisa, evite reproduzir formas de relação preconceituosas, desrespeitosas e autoritárias às quais estas populações estão, muitas vezes, sujeitas.

O jeito de habitar / ocupar o espaço é diversificado e expressa hábitos culturais ou identitários que precisam ser reconhecidos e respeitados, embora possam ser impactantes para o entrevistador num primeiro contato. Os sujeitos da pesquisa estarão em “seu” espaço íntimo, e o entrevistador precisa ser autorizado por eles a adentrá-lo. Por isso, o tratamento respeitoso, a postura atenta e comprometida, a busca de uma “distância justa” (nem, invasiva, nem recuada), devem ser levados em conta no estabelecimento desta relação com o entrevistado.

A aparência e comodidade do entrevistador para a realização da tarefa nos contextos específicos de cada pesquisa são aspectos relevantes, de modo que é recomendável atentar à escolha de vestimentas discretas e adequadas aos ambientes cujas suscetibilidades não conhecemos.

Deixar claro para os entrevistados; “quem somos” (dizer o nome completo e com clareza) e a “que viemos” (ter presente que o papel do pesquisador é diferente do papel de técnico da prefeitura), explicando a natureza, os objetivos e a finalidade da pesquisa. Enfatizar a utilidade das informações obtidas, tanto para os dirigentes públicos tomarem decisões que influem sobre suas vidas, quanto para os movimentos sociais conhecerem melhor quem são eles e o que pensam, salientando ainda que os resultados da pesquisa visam possibilitar a formulação de políticas inteligentes e adequadas às suas necessidades específicas.

O tom de voz, as palavras e a aparência do entrevistador devem demonstrar credibilidade, com ênfase sobre a importância do parecer do entrevistado para o desenvolvimento do trabalho. Sugere-se a seguinte forma de apresentação: “Estamos muito interessados em conhecer alguns dados básicos sobre o teu modo de vida, para que se conheça melhor a vida das pessoas em situação de rua. As tuas respostas são muito importantes. Nesta pesquisa não há respostas certas ou erradas”.

Deixar claro também que as informações individuais serão sigilosas perante os demais entrevistados. O interesse pelas pessoas e o aprofundado conhecimento das instruções recebidas durante o treinamento tornarão esta tarefa fácil na maioria das vezes, mas um entrevistador precisa usar de toda a sua intuição, sensibilidade e inteligência para interagir com o entrevistado.

O “estado de espírito” do entrevistador reflete-se, com frequência, na reação do entrevistado diante do pedido para participar de uma entrevista. Se estiver inseguro ou pouco à vontade, não será capaz de estabelecer uma boa relação com o entrevistado; se pouco convicto ao apresentar a importância e os objetivos do seu trabalho, estes sentimentos serão percebidos e prejudicará a comunicação.

Em muitos casos, o entrevistador será bem recebido porque representa uma quebra na rotina do dia-a-dia. A maioria das pessoas gosta de ser entrevistada e muitas delas demonstram interesse e discernimento ao responder sobre temas sobre os quais nunca haviam pensado antes ou considerado daquela maneira.

Algumas pessoas terão preocupações e perguntas para os entrevistadores. É preciso estar preparado para dar respostas corretas e sinceras, sempre com cortesia. Se os entrevistados manifestarem receios acerca da legitimidade da pesquisa, o entrevistador poderá indicar, além do crachá de identificação e das orientações obtidas na capacitação, os seguintes contatos:

**Esclarecimentos ou informações** podem ser obtidos através da coordenação geral da FASC, Marta Borba, fone 3289 4906 [martabs@fasc.prefpoa.com.br](mailto:martabs@fasc.prefpoa.com.br); ou Sandra Mara Nunes, fone 32894922 [sandram@fasc.prefpoa.com.br](mailto:sandram@fasc.prefpoa.com.br).

## **DOMINANDO O INSTRUMENTO DE PESQUISA**

O instrumento de pesquisa tem como objetivo coletar dados e informações seguras, que dependem, em grande parte, do bom desempenho do entrevistador. Para ter sucesso nesse objetivo, é fundamental conhecer seu conteúdo, sua sequência, formular as questões de modo tranquilo e treinar a fluência da entrevista, além de motivar os entrevistados. Para tanto, é fundamental estudar cuidadosamente o instrumento de investigação e seguir rigorosamente as orientações nele contidas e transmitidas na capacitação.

Os dados devem ser coletados de maneira uniforme. É responsabilidade do entrevistador formular da mesma maneira todas as questões em todas as entrevistas, pois as respostas podem ser fortemente influenciadas pela maneira como as perguntas são apresentadas.

Lembrar-se de que a entrevista não é um teste nem um exame, por isso o entrevistador deve ter o máximo cuidado para que seu tom de voz, palavras ou atitudes não expressem surpresa, julgamentos, aprovação ou desaprovação em relação às respostas dadas pelo entrevistado, mesmo que pareçam inusitadas ou insensatas.

As questões devem ser formuladas de forma clara e exatamente como estão propostas no instrumento, sem mudar a sua formulação, salvo adaptações de termos, desde que acordados com a supervisão. Se o entrevistador, mesmo sem querer, não formular parte de uma questão ou mudar algumas palavras, os entrevistados, que são pautados pela questão formulada, podem mudar a resposta, prejudicando a análise comparativa.

As perguntas precisam ser formuladas com ritmo adequado, na maioria das situações, com vagar, dando tempo para os entrevistados acompanharem corretamente seu objetivo e seu conteúdo. Com isso, tem-se garantia de respostas completas e dentro do objetivo. Se o entrevistador manifestar pressa ou ansiedade, transfere essas sensações aos entrevistados, e o atropelo, ao invés de agilizar, pode tornar a entrevista mais demorada pela necessidade de repetições. Ao contrário dos entrevistados, o entrevistador adquiriu familiaridade com o instrumento, por isso é importante proporcionar-lhes o tempo para assimilá-las e o claro entendimento das questões.

É importante conduzir a entrevista respeitando a ordem sequencial das questões, conforme estão dispostas, pois o instrumento de pesquisa foi testado e atende a uma continuidade significativa. Quando o entrevistado responder antecipadamente questões futuras, o entrevistador poderá anotar a resposta provisória (ou sua síntese) no local da resposta. Na sequência, ao chegar à respectiva pergunta, esta deverá ser formulada normalmente, mostrando ao entrevistado que não foi esquecida sua resposta antecipada e devidamente registrada, acrescentando ainda que "já falamos deste assunto, mas permita-me perguntar novamente...". Agradeça a disponibilidade dos entrevistados para responderem de novo à mesma questão.

Sempre que os entrevistados solicitarem mais informações sobre o significado de alguma pergunta, é importante valorizar e esclarecer a demanda com objetividade. O mesmo ocorre para a explicitação do significado de palavras ou frases. Explicar genericamente; porém, se perceber que ainda persiste a dúvida, reformule a pergunta, sem mudar a essência. Caso ainda não fique claro ou a explicação possa induzir resposta, peça desculpa por não poder explicar mais detalhadamente. Ressalve-se que uma não resposta também é significativa.

Havendo dúvida dos entrevistados sobre qual a melhor resposta, jamais proponha uma alternativa ou síntese (salvo as que estão previstas, quando o instrumento for um questionário com respostas fechadas). É preferível optar pelas alternativas "não sei" ou "não respondeu" do que induzir uma resposta.

Evitar a interrupção do trabalho antes da conclusão das entrevistas, mostrando que não será possível retomá-la outra hora ou outro dia.

## **CONCLUINDO A ENTREVISTA**

No final, antes da despedida, de forma objetiva e amistosa, agradecer a oportunidade da conversa, e comentar que foi muito importante a colaboração e a franqueza da pessoa para o sucesso da entrevista, lembrando que será respeitado o sigilo das informações, a serem usadas em seu conjunto e apenas em benefício deles.

Anotar ao lado das questões, as eventuais situações particulares ou interferências externas (como chegada de alguém, discussão entre pessoas), que eventualmente possam ter prejudicado a resposta. Detalhar tanto quanto possível. Anotar, na última folha do questionário, situações particulares, como interferências negativas na realização da entrevista ou se houve preocupação em esconder informações importantes.

## APÊNDICE 4: ITINERÁRIOS DE CAMPO

<b>Quarta - Feira - 21/12/2011</b>	<b>07:00 às 12:00</b> – 1 Equipe: Pontos da Zona Leste, Eixo e demais ainda não recenseados nesse horário; 1 Equipe: Centro/Menino Deus/ Sopão da Restinga ao meio dia; <b>Das 10:00 às 15:00</b> – 1 Equipe: Almoço na Casa da D. Marli – Eixo;	<b>18:00 as 23:00 (24:00)</b> - 1 Equipe: Intercap - Praças (noite) - Terminal da Bento (Antonio de Carvalho) - Rua Princesa Isabel, Perto da Berlim. Praça União da Nilo Peçanha; 1 Equipe: Restante da zona sul (pontos que no horário diurno nos indicaram que haveria mais pessoas no horário noturno) + outras praças que nos indicaram; 1 Equipe: Centro - Voluntários
<b>Quarta - Feira - 14/12/2011</b>	<del>07:00 às 12:00</del> – 2 Equipes – Casa de Convivência II – Ilê Mulher e Restaurante Popular	municipal e seu entorno + 1 Praça Florida/Praça Pinheiro Machado + 19:30 às 21:00 – 2 Equipes: Abrigo Marlene + Praça Garibaldi – Noturno
<b>Quinta - Feira - 15/12/2011</b>	1 Equipe: Casa de Convivência I + Cidade Baixa parcial (Concluído no dia 16/12) e Viaduto/ Ponte dos Açorianos + 1 Equipe: Praças no entorno da Av. Borges de Medeiros + Orla do Guaíba/ Parque Harmonia + 1 Equipe: Bom Fim e Redenção Parcial (Concluído no dia 19/12)	1 Equipe: Albergue Dias da Cruz + Região do Bom Fim e Independência parcial (concluído no dia 19-12) + 1 Equipe: Viaduto da Conceição e Voluntários da Pátria (concluído no dia 20-12) + Orla do Guaíba + Parque Harmonia + 1 Equipe: Centro Parcial (concluído no dia 20-12 e 21-12) + Albergue Dias da Cruz
<b>Sexta - Feira - 16/12/2011</b>	1 Equipe: Ipiranga (parcial) + Menino Deus – Sopão 1 Equipe: Partenon/ Lomba do Pinheiro - 1 Equipe: Cidade Baixa (retorno/revisão do campo já concluído) + Praça Garibaldi (diurno)	1 Equipe: Ipiranga / Menino Deus (parcial, mas foi bem feito no diurno) 1 Equipe: Protásio Alves – Leste Parcial concluído no dia 19-12/ Cidade Baixa (completado tb no turno da Noite) 1 Equipe: Centro / Voluntários da Pátria / Farrapos
<b>Sábado - 17/12/2011</b>	1 Equipe: Eixo Baltazar, Nordeste; Leste / 1 Equipe: Restinga – Extremo Sul - Cavalhada (Ronaldinho), Vila Nova (em frente ao hospital, no BIG, e nos Zaffari Cavalhada e Juca Batista + Praia de Ipanema	1 Equipe: Parque Marinha do Brasil, Gasômetro, Parque da Redenção e Parcão (Moinhos de Vento) + 1 Equipe: Nilo Peçanha (toda extensão). Final do turno: Iguatemi, Bourbon Country, Padre Chagas e entorno do Parcão
<b>Domingo - 18/12/2011</b>	Das 11:00 às 17:00 – 1 Equipe: Parque Harmonia - Festa de Final de Ano para Pessoas em Situação de rua	1 Equipe: Parque Marinha do Brasil, Gasômetro, Parque da Redenção e Parcão (Moinhos de Vento);
<b>Segunda - Feira - 19/12/2011</b>	1 Equipe: Pontos não recenseados da Zona Leste + Pontos não recenseados - Rio Branco, Bom Fim, Independência 1 Equipe: Glória, Cruzeiro, Cristal e retorno a prainha de Ipanema no final de tarde + 1 Equipe: retorno a Ipiranga e Bento Gonçalves	2 Equipes: Norte/Nordeste – Extremo Norte (Assis Brasil e Baltazar) + 1 Equipe: Bairro Santana + Entorno do Hospital Ernesto Dornelles
<b>Terça - Feira - 20/12/2011</b>	<b>07:00 às 12:00</b> - 1 Equipe: Centro de Porto Alegre (retorno a pontos percorridos e outros não percorridos completamente) 1 Equipe: Retorno a pontos da Zona Sul que não foram completamente percorridos durante o dia + 1 Equipe: Norte/Nordeste (pontos não percorridos cedo e intensificação do contorno das avenidas, onde muitas pessoas perambulam catando lixo + Casa da D. Marli	<b>18:00 as 23:00 (24:00)</b> 1 Equipe: Norte/Nordeste = Assis Brasil + Viaduto da Edu Chaves + Retorno a Ipê e Nilo Peçanha + Viaduto José Eduardo Utzig; 1 Equipe: Voluntários da Pátria/Centro = Praça da Matriz e Rua Duque de Caxias. Terminal Parobé, etc; 1 Equipe: Jardim Botânico/Carlos Gomes/Leste (pontos não completamente mapeados)